

QUEM SÃO AS
PESQUISADORAS
PIONEIRAS DA EAD
P. 38

AS HOMENAGENS
PRESTADAS AOS
75 ANOS DA PUCRS
P. 68

OS PROJETOS QUE
ALERTAM SOBRE
A EMERGÊNCIA
CLIMÁTICA
P. 70

OS CAMINHOS DA FELICIDADE

A FILOSOFIA SEMPRE PONDEROU SOBRE AS DIVERSAS FÓRMULAS DA SATISFAÇÃO PLENA. ATUALMENTE, OS AVANÇOS DA NEUROCIÊNCIA E DA PSICOLOGIA CONFIRMAM QUE NÃO EXISTE UMA, MAS VÁRIAS TRILHAS PARA SER FELIZ NA VIDA / P. 22



A PUCRS

É A

MELHOR

UNIVERSIDADE

PRIVADA DO

BRASIL

Ranking Universitário Folha 2023

Muito além do ensino, a PUCRS é comprometida em gerar impacto real na sua vida e no mundo.



TRANSFORMAÇÃO DE IDEIAS, NEGÓCIOS E TALENTOS.

Educação e incentivo ao empreendedorismo junto ao Tecnopuc, considerado o 4º melhor ecossistema de inovação global na Conferência da Tripla Hélice, em Barcelona.

MELHORIA NA QUALIDADE DE VIDA NAS CIDADES.

Pesquisadores estudam as cidades inteligentes em temas como gestão, legislação, impacto social, gestão pública, inovação e cidadania.

DESCOBERTAS PARA O QUE O AMANHÃ PRECISAR.

Com uma das melhores infraestruturas de pesquisa do país e foco em diversas áreas do conhecimento, estamos sempre em busca de soluções para os grandes desafios do nosso tempo.

CUIDADO INTEGRAL COM A VIDA.

A formação de profissionais da área da saúde comprometidos com a ética conta com toda a estrutura de um complexo tecnológico de saúde e bem-estar à disposição dos estudantes e da comunidade.

COMPROMISSO COM AS PESSOAS E COM O PLANETA.

Ações educativas na comunidade e preservação do Pró-Mata, a maior Reserva Particular do Patrimônio Natural do Rio Grande do Sul, que em 30 anos já neutralizou mais de 160 mil toneladas de carbono.

ASSISTÊNCIA GRATUITA À COMUNIDADE.

É com ações de acesso à saúde e aos direitos básicos que a PUCRS mostra que sua atuação vai muito além do ensino e tem impacto real na vida das pessoas. Nas esferas de família, cível e penal, os estudantes da Escola de Direito já auxiliaram mais de 60 mil pessoas. No Centro de Extensão Vila Fátima, a atuação de estudantes da Escola de Ciências da Saúde e da Vida leva ações preventivas e de promoção à saúde, atendendo mais de 42 mil pessoas só em 2022.

A PUCRS FAZ TUDO ISSO ACONTECER.

SAIBA MAIS:



PUCRS

PUCRS online



**VIVA UMA EXPERIÊNCIA
EDUCACIONAL ONLINE
DE ALTA QUALIDADE
DA GRADUAÇÃO À PÓS**



ACESSE:
ONLINE.PUCRS.BR



NA PUCRS VOCÊ TEM MAIS

**+50 CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO
E MBA ONLINE**

**+10 CURSOS DE GRADUAÇÃO
ONLINE COM FORMAÇÃO
EM 2 ANOS E MEIO**

**+20 CERTIFICAÇÕES
ONLINE GRÁTIS**

**+1000 PROFESSORES
RECONHECIDOS NO BRASIL
E NO EXTERIOR**

**TUDO ISSO COM
75 ANOS DE TRADIÇÃO**

RECOMENDADO POR:
Gabriela Prioli
Apresentadora e Advogada

Saiba mais:





38

RADAR

PIONEIRAS DA EDUCAÇÃO ONLINE

As pesquisadoras que fizeram da PUCRS uma universidade referência na modalidade



44

ALUMNI

EM BUSCA DE TRATAMENTO PARA O MEDULOBLASTOMA

A jornada do empresário Fernando Goldsztein para jogar luz ao tratamento de um dos cânceres que mais afetam crianças



48

SAÚDE E BEM-ESTAR

PARA FORTALECER A COMUNIDADE E A APRENDIZAGEM

A experiência dos estudantes de nove cursos da PUCRS ao estagiar na Unidade de Saúde Vila Fátima, no bairro Bom Jesus, em Porto Alegre



52

ENTREVISTA

UMA CONVERSA COM O SOCIÓLOGO DOMINIQUE WOLTON

Um dos maiores pensadores da comunicação no mundo fala sobre a capacidade de negociação e o respeito ao outro



70

MEIO AMBIENTE

ATENÇÃO PARA A EMERGÊNCIA CLIMÁTICA

Os projetos da PUCRS para informar, alertar e conscientizar a comunidade acadêmica sobre os efeitos da mudança no clima

8

EDITORIAL
Por Ir. Evilázio Teixeira

11

ARTIGO
Por Ir. Manuir Mentges

12

NO CAMPUS
Quem faz o dia a dia na PUCRS

14

PESQUISA
Na vanguarda da inteligência artificial (IA)

18

NOTAS E VARIEDADES
Cursos, novidades e outras oportunidades disponíveis no Campus

30

SEM FRONTEIRAS
A egressa da PUCRS que atua no Ministério da Saúde de Moçambique

32

CULTURA
A importância de preservar a memória coletiva de uma sociedade

56

IMPACTO SOCIAL
Programa Dev the Devs transforma vidas por meio da tecnologia

60

INOVAÇÃO E EMPREENDEDORISMO
Projetos que evidenciam ações da PUCRS

64

CIÊNCIA
Como a medicina está reaproximando o científico e o espiritual

67

BASTIDORES
Gabriela Prioli grava campanha de comunicação da PUCRS Online

68

INSTITUCIONAL
Homenagens marcam os 75 anos da PUCRS

78

RELEMBRE
O repórter Caco Barcellos busca seu "diploma"



CAPA

OS CAMINHOS DA FELICIDADE

A filosofia sempre ponderou sobre a natureza da satisfação plena – um campo que agora recebe grandes contribuições da neurociência e da psicologia. O que deixa cada vez mais claro que a felicidade é uma porta com múltiplas e complexas chaves. Conheça algumas delas

22

NOVAS PERSPECTIVAS

Há mais de quatro décadas, a PUCRS produz a revista que você tem em mãos. Trata-se do canal de comunicação da Universidade mais antigo em funcionamento.

Mantê-la em circulação, mesmo quando quase tudo parece acontecer no ambiente digital, é uma escolha que busca reforçar nosso compromisso de ser uma marca curadora de conhecimento e conteúdo no segmento da educação. Além disso, é um esforço adicional para levar à sociedade tudo o que acontece na PUCRS em termos de relações humanas, conhecimento e inovação.

Ao longo dos anos, a revista fez vários registros históricos. Em 2000, por exemplo, a edição 98 anunciou o início da educação a distância (EaD) – modalidade que, hoje, prevalece no ensino superior. À época, fomos a primeira instituição do Brasil a construir uma rede utilizando um satélite como principal meio de transmissão de videoconferências e teleconferências, intitulada PUCRS Virtual. Isso aconteceu apenas cinco anos depois da abertura comercial da internet no Brasil, em 1995. Seriam os primeiros passos para a PUCRS Online? Sem dúvida.

Em 2003, a revista anunciava e explicava a ciência por trás da possibilidade de falar ao telefone pela

internet. Como a tecnologia só estava disponível no exterior, pesquisadores da Universidade iniciaram um estudo pelo CNPq e Finep para desenvolver comunicação de voz sobre IP, ou VoIP. Lembremos que o WhatsApp só chegou ao Brasil em 2010, e as ligações de voz só começaram cinco anos depois.

Ainda em 2003, nascia o Tecnopuc, mais uma ponte entre o Campus e a sociedade, as empresas e as pessoas. Era a PUCRS acreditando que poderia ser propulsora do avanço científico, tecnológico e econômico de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul. Uma crença que virou realidade. Basta considerar não só os feitos do Tecnopuc como o fato de,



Como falar ao telefone via internet

Fazer ligações internacionais ao preço de uma chamada local. Falar com quantas pessoas quiser ao mesmo tempo. Essas são algumas das facilidades que a telefonia IP (Internet Protocol) procura oferecer. Por enquanto o uso restringe-se a algumas empresas do exterior e em ambientes corporativos. É nessa área que a Faculdade de Engenharia tem um projeto para desenvolver tecnologia de comunicação de voz sobre IP. O trabalho, um dos poucos sobre o assunto no Brasil, começou em fevereiro e foi aprovado pelo CNPq e pela Finep. As instituições financiam a instalação de um laboratório específico para o estudo, que tem na equipe 15 pesquisadores coordenados pelos professores Ricardo Balbinot e Jorge Guedes Silveira.

Uma das metas é obter qualidade na transmissão de voz, deixando-a semelhante a uma ligação convencional. Além da voz sobre IP ser uma opção econômica de comunicação, traz vantagens como a possibilidade de cada computador ter uma linha própria com secretária eletrônica e permitir a cada usuário personalizar as ligações do seu número.

Num primeiro momento, a comunicação funcionará por meio de um software, um computador com acesso à rede, um monofone e um microfone ligado à placa de som. O projeto será aberto à comunidade acadêmica. O grupo também estuda formar parcerias com empresas que queiram ter produtos próprios relacionados à área.



26

Saúde

PÓS-GRADUAÇÃO EM GERONTOLOGIA

Foi aprovado pela Capes o Programa de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica do Instituto de Gerontologia e Geriatria, coordenado por Emílio Jeckel-Neto. O programa é pioneiro na América Latina e multidisciplinar, reunindo profissionais de diversas áreas que investigam o tema envelhecimento e longevidade. Está previsto para março o início das atividades com a promoção de um seminário para integrar todas as disciplinas e linhas de pesquisa.

em março, a capital ter sediado mais uma edição do South Summit Brazil, um dos maiores encontros globais de agentes inovadores.

Muitas outras ações de impacto foram registradas na Revista PUCRS ao longo das décadas. É o caso da aprovação do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica pela Capes e o reconhecimento crescente do Instituto de Gerontologia e Geriatria (IGG). Falávamos sobre a importância de investigar mais e melhor a longevidade, de promover o envelhecimento saudável. Também foi nesta publicação que anunciamos a decisão de manter o Centro de Pesquisas e Conservação da Natureza Pro-Mata, a maior reserva natural de domínio privado do Rio Grande do Sul.

Relembro essas histórias não por saudosismo, mas porque nas páginas a seguir apresentamos novas narrativas, novas perspectivas e no-

vos acontecimentos que se conectam a esses e outros temas. Poderíamos chamar de novos capítulos que oferecem uma ordem diferente das coisas e “pintam mundos possíveis”, como diz o filósofo Byung-Chul Han em *A crise da narração*. Que essa revista possa, por alguns minutos ou horas, ser um tempo de foco sem distrações. Um tempo de abrir os olhos para outras percepções, modos de vida e realidades capazes de inspirar caminhos para um futuro melhor.

Boa leitura!



Ir. Evilázio Teixeira
Ir. Evilázio Teixeira
Reitor

ESCREVA PRA GENTE!

✉ Escreva para conteudo@pucrs.br para compartilhar histórias sobre a PUCRS ou sugerir ideias de pauta.



CAPA

Ao preparar esta edição, pensamos em diferentes ações que aproximassem o conteúdo da Revista PUCRS das pessoas que transitam pelo Campus. Os retratos e depoimentos da página 12 são fruto desse esforço, além da abordagem editorial adotada nas reportagens. Mas também decidimos levar colaboradores e estudantes para a capa da revista. É uma decisão com várias implicações importantes – como conexão, promoção da cultura institucional, representatividade e engajamento. Daí nossa escolha pelo retrato da **Daniela Nunes**, assistente de comunicação do Tecnopuc. Seu sorriso espontâneo e genuíno transmite uma ideia de felicidade, tema da principal chamada da capa. Algumas imagens nos tocam quando olhamos para elas. É como se o que vemos nos olhasse de volta. É uma troca. E, neste caso, é impossível não retribuirmos um sorriso à Dani. – **GIORDANO TOLDO**

CHANCELER:

Dom Jaime Spengler

REITOR:

Ir. Evilázio Teixeira

VICE-REITOR:

Ir. Manuir José Mentges

PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO E EDUCAÇÃO CONTINUADA:

Adriana Justin Cerveira Kampff

PRÓ-REITOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO:

Carlos Eduardo Lobo e Silva

PRÓ-REITOR DE IDENTIDADE INSTITUCIONAL:

Ir. Marcelo Bonhemberger

PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS:

Alam de Oliveira Casartelli

CHEFE DE GABINETE:

Alexander Goulart

RELAÇÕES INSTITUCIONAIS:

Solimar Amaro

ASSESSOR DA REITORIA:

Vinícius Brasil

ASSESSOR DE PLANEJAMENTO E AVALIAÇÃO:

Silvio Langer

ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO:

Lidiane Lorenzoni

SUPERINTENDENTE DE INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO:

Jorge Audy

PROCURADOR JURÍDICO:

Marcos Másera

SUPERVISORA EDITORIAL:

Fernanda Dreier

EDIÇÃO:

Leonardo Pujol, Ricardo Lacerda e Emanuel Neves

DESIGNER:

Juliano Guedes

CONTEÚDO:

Fernanda Dreier, Giordano Toldo e República Agência de Conteúdo (Emanuel Neves, Daniel Sanes, Danielly Oliveira, Leonardo Pujol, Paulo César Teixeira, Ricardo Lacerda e Rodrigo Oliveira.

PRODUÇÃO:

Alina Fernandes, Andrea da Silveira, Camila Bubans, Gabriela Giacomini Pinto, Giovana Rodrigues, Gisele Mendonça Azevedo, Laisa Mendes, Luana Trindade, Luciana Marques, Luiza Bairros Rabello da Silva, Pamela Maidana, Regina Albrecht e Roselaine Vicente da Silva.

FOTOGRAFIA:

Giordano Toldo

CIRCULAÇÃO:

Daisy Germano Fagundes, Ligiane Dias Pinto

CONSELHO EDITORIAL:

Adriana Kampff, Alexander Goulart, Jorge Audy, Lidiane Lorenzoni, Manuir Mentges e Maria Martha Campos

IMPRESSÃO:

Gráfica Serafinense

EDIÇÃO Nº 194 | MARÇO DE 2024

Núcleo de Conteúdo da Assessoria de Comunicação e Marketing da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Avenida Ipiranga, 6681 – Prédio 1, 2º andar, Sala 202
CEP 90619-900 | Porto Alegre/RS | Fone: (51) 3320-3503
E-mail: conteudo@puhrs.br

INOVAÇÃO, GERAÇÃO DE IMPACTO E VALOR PARA A SOCIEDADE

Ser uma Universidade para uma nova sociedade, reconhecida pelo seu impacto e relevância. Esta é a visão que a nossa comunidade acadêmica assumiu para o ciclo 2023-2027 do novo Plano Estratégico da PUCRS. Sem dúvida, mais do que uma frase de efeito, trata-se de um propósito ancorado num de nossos valores institucionais: a audácia! Somos empreendedores, agimos há 75 anos com coragem e responsabilidade no contexto em que estamos inseridos. Discernimos com ousadia as decisões que tomamos em prol da nossa missão.

Uma universidade que se destaca na tríade de inovação, geração de impacto e valor para a sociedade – posicionamento institucional que assumimos – desempenha um papel crucial na evolução e no avanço da comunidade em que está inserida para além do acadêmico. Ela atua como um catalisador para o desenvolvimento econômico, social, ambiental, cultural e tecnológico. A inovação é o principal ativo a nos impulsionar na busca de novas formas de abordar desafios complexos, aplicando novas tecnologias, desenvolvendo novos conhecimentos e promovendo uma cultura de criatividade e pensamento crítico. No entanto, a verdadeira medida do êxito não reside

apenas na capacidade de inovar, mas em traduzir essa inovação em impacto tangível para a sociedade, assegurando que as ações de ensino, pesquisa e extensão sejam relevantes e estejam alinhadas com as necessidades e prioridades do agora e do amanhã.

Acreditamos que tal posicionamento nos direciona a desempenharmos um papel vital na construção de um mundo melhor e mais sustentável para as gerações futuras. Aspiramos ser um farol de conhecimento, criatividade e desenvolvimento, inspirando e capacitando pessoas e comunidades a enfrentar os desafios do século 21. Se num primeiro momento essa perspectiva parece demasiado ambiciosa e talvez utópica, é sinal de que estamos no caminho certo, pois nossa missão fundamental é gerar e transformar conhecimento, preparando pessoas para mudar o mundo para melhor.



Manuir José Mentges

Ir. Manuir Mentges
Vice-Reitor



Fotos: Giordano Tolde/PUCRS

NEILA REZENDE FERREIRA

O QUE FAZ NA PUCRS:

colaboradora do setor de Contabilidade e Patrimônio

O QUE VOCÊ ESPERA DESSA EXPERIÊNCIA?

Quando vim de Goiás, em 2006, conheci a PUCRS e me apaixonei. O que era para ser uma viagem de poucos meses virou uma mudança definitiva. Trabalhei primeiro no Hospital São Lucas. Em 2013, fui convidada a trabalhar na Universidade. Tanto aqui quanto lá, fiz amizades de uma vida inteira. Construí uma família. Poucos foram os momentos em que me senti sozinha – mesmo estando fisicamente longe de minha mãe, irmão, sobrinhas, tios, tias, primas. Tenho orgulho e sou profundamente grata pela trajetória que construí ao longo desses 18 anos. Faço parte da PUCRS e a PUCRS faz parte de mim.



RODRIGO GARCIA

O QUE FAZ NA PUCRS: estudante de Engenharia de Energias Renováveis

O QUE VOCÊ ESPERA DESSA EXPERIÊNCIA? Aproveitar ao máximo as oportunidades de conhecimento e networking, tornando-me um profissional de excelência. Quando sair da Universidade, quero levar comigo o legado da instituição – sendo um representante desse grande centro de inovação, ensino e humanidade.

EDIMARA MEZZOMO LUCIANO

O QUE FAZ NA PUCRS: professora e pesquisadora na Escola de Negócios

O QUE VOCÊ ESPERA DESSA EXPERIÊNCIA?

Estou diariamente engajada nesta jornada por conhecimento e impacto social. Faço aquele esforço extra para que o meu trabalho tenha significado e ecoe na vida das pessoas com quem interajo nesta caminhada há 24 anos.



GERLAINE “GÊ” DOS ANJOS

O QUE FAZ NA PUCRS: integrante da equipe de limpeza do Prédio 1

O QUE VOCÊ ESPERA DESSA EXPERIÊNCIA?

Cheguei aqui no dia 1º de abril de 1993, há 31 anos. É minha segunda casa. Amo trabalhar na PUCRS, me dou muito bem com os funcionários, com os Irmãos. Para mim, é uma família excelente. É uma satisfação trabalhar aqui no Campus.



FELIPE KIRCHNER

O QUE FAZ NA PUCRS: professor da Escola de Direito e coordenador do Balcão do Consumidor

O QUE VOCÊ ESPERA DESSA EXPERIÊNCIA?

Minha passagem na PUCRS começou como aluno de graduação e continua como funcionário da casa. Em todas as fases, a PUCRS sempre foi, para mim, motivo de crescimento pessoal, profissional e humano.



NA VANGUARDA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

CIENTISTAS DA PUCRS DESENVOLVEM DIVERSOS ESTUDOS PARA EXPLORAR OS BENEFÍCIOS DA IA

Desde sua fundação, 75 anos atrás, a PUCRS sempre se propôs a ser uma universidade de pesquisa, comprometida com o avanço do conhecimento e contribuindo com o desenvolvimento científico e tecnológico. Isso se reflete na qualidade do ensino oferecido, tanto nos cursos de graduação quanto nos programas de pós-graduação.

Manter a interação ensino-pesquisa exige estar sempre na vanguarda do campo científico. Para isso, é necessário desbravar áreas em que o ser humano ainda tem muito a aprender, como a inteligência artificial (IA). Embora seja assustadora para algumas pessoas, a IA pode ser utilizada para diversas finalidades, da saúde à educação. E a PUCRS desenvolve diversas pesquisas nesse sentido, como veremos a seguir.

ÉTICA E DEMOCRACIA DA IA

Área: **Filosofia**

Coordenação: **Nythamar de Oliveira, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia na PUCRS**

Se por um lado a IA é capaz de otimizar certos processos de maneira mais eficiente do que seres humanos, por outro, essas decisões nem sempre estão alinhadas com aquilo que podemos chamar de “justo” ou “correto”. Sistemas inteligentes autônomos podem conter diversos vieses discriminatórios.

Desde 2021, o grupo de pesquisas interdisciplinares RAIES (Rede de IA Ética e Segura) reúne cientistas que se propõem a investigar a interface da inteligência artificial com a sociedade e a história. O trabalho aborda o desenvolvimento da democracia digital nas sociedades tecnológicas através de suas instituições, bem como a cultura política e problemas teóricos correlatos, destacando a ética da IA e suas interfaces de sustentabilidade com a ética de maneira geral.

O RAIES reúne mais de 50 pesquisadores, bolsistas e professores das Escolas de Humanidades, Politécnica, Medicina e Direito. Entre suas propostas está a criação de um Instituto BRICS (grupo de países emergentes) de IA, incluindo smart cities com sustentabilidade e inclusão digital para a educação socioeconômica, étnico-racial e de gênero em Porto Alegre, Beijing (China), Goa (Índia), Joanesburgo (África do Sul) e São Petersburgo (Rússia).

PACIENTES EM HEMODIÁLISE

Área: **Saúde**

Coordenação: **Dalvan Jair Griebler, vice-coordenador do Centro de Ciência de Dados**

O objetivo deste projeto da Escola Politécnica é identificar fatores que levam à internação ou morte de pessoas em tratamento de hemodiálise. Os pacientes realizam, periodicamente, diversos exames e acompanhamentos médicos. No entanto, uma análise manual dos resultados não permite identificar o desfecho dos casos, o que dificulta a tomada de decisão para pacientes em condições mais graves.

A iniciativa busca desenvolver um modelo preditivo de desfechos para pacientes em hemodiálise com base nas queixas e evoluções registradas nos prontuários eletrônicos, utilizando modelos de linguagem para o processamento de dados textuais.

TRADUÇÃO BIDIRECIONAL DE LIBRAS

Área: **Ciência da Computação**

Coordenação: **Lucas Silveira Kupssinskū, professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Computação, e Rodrigo Coelho Barros, coordenador do Núcleo de Pesquisa em Inteligência de Máquina e Robótica**

Desenvolvido pelo Laboratório de Machine Learning Theory and Applications Lab (Malta), do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Computação da PUCRS, o projeto tem como objetivo contribuir com a maior base de dados anotada de sinais na Língua Brasileira de Sinais (Libras), por meio de coleta sistemática de todas as informações disponíveis na internet. Além disso, busca oferecer uma ampla gama de informações confiáveis para fins de pesquisa e desenvolvimento na área de processamento de sinais nessa linguagem.

Projetar e desenvolver modelos de redes neurais profundas capazes de realizar a tradução automática entre PT-BR (o português falado no Brasil) e Libras é bastante complexo, já que requer desenvolver redes neurais capazes de codificar as características dos sinais a partir de vídeos e posterior decodificação dessa representação em palavras equivalentes em língua portuguesa. Também há desafios inerentes a todas as línguas de sinais, como ambiguidade – diferentes sinais representam o mesmo significado e o mesmo sinal pode ter diferentes traduções –, variações regionais etc.

RASTREAMENTO E DETECÇÃO DE VEÍCULOS

Área: **Ciência da Computação**

Coordenação: **Soraia Raupp Musse, professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Computação**

O protótipo de ferramenta Truckfier utiliza uma abordagem de aprendizagem profunda para detectar, rastrear e contabilizar veículos – principalmente caminhões – para auxiliar na análise de tráfego. O foco é especificamente nas rotas brasileiras, porque existem diversas classes de caminhões no País, algumas muito parecidas entre si.

Para garantir a qualidade do conjunto de dados, a equipe contou com a ajuda de especialistas que etiquetaram cada veículo. São utilizadas imagens horizontais capturadas com a câmera em posição paralela à estrada – situação mais propensa a problemas como oclusão; em alguns casos, os caminhões não cabem em todo o quadro. O Truckfier também fornece uma interface interativa para auxiliar o usuário com os resultados do *pipeline* de detecção e auxiliar na análise de tráfego que um grupo de especialistas validou.

LIMITES CONSTITUCIONAIS DO ESTADO

Área: **Direito**

Coordenação: **Paulo Antônio Caliendo Velloso, professor do Programa de Pós-Graduação em Direito**

No momento em que tramita no Congresso nacional um projeto que regulamenta os sistemas de inteligência artificial e estabelece uma série de regras para a utilização dessas tecnologias pelo poder público, tornam-se ainda mais pertinentes as discussões sobre o assunto. Escrito em 1651, *Leviatã* (ou “Leviathan”) é o principal livro do filósofo inglês Thomas Hobbes, e traz sua teoria a respeito da origem contratual do Estado. Com inspiração nessa obra clássica, os estudos da Escola de Direito se dirigem ao surgimento de um Leviathan Artificial (uma espécie de devorador de dados pessoais) e dos necessários limites constitucionais ao poder artificial do Estado.

OS MONITORES GENIAIS DO MCT



Fotos: Giordano Toledo/PUCRS

Estes são **Angela, Nara, César e Ingrid** – os mais novos monitores do Museu de Ciências e Tecnologia (MCT) da PUCRS. Eles assumiram a posição a partir do Programa Genial Idade, que visa reintegrar no mercado de trabalho pessoas com 65 anos ou mais. Desde que o projeto foi anunciado, mais de 1 mil currículos foram recebidos. Após um criterioso processo seletivo, os novos colaboradores iniciaram as atividades. Eles chegaram para contribuir com o desenvolvimento da ciência, da educação e da cultura por meio do atendimento ao público nas exposições.

UM RESPIRO NA ROTINA

Você conhece o Ateliê PUCRS Cultura? Desde 2019, o espaço fomenta diversas práticas artísticas com o objetivo de proporcionar reflexões e experiências que servem de escape na rotina. São cursos e oficinas abertas tanto aos alunos da Universidade quanto para a comunidade em geral. A sala do Ateliê PUCRS Cultura está localizada no térreo do prédio 30.



Para saber mais, siga a página no Instagram: @pucrsultura

A INSPIRAÇÃO DO MURAL NO PRÉDIO 5

Dando continuidade ao projeto “Galeria a Céu Aberto”, o prédio 5 da PUCRS recebeu um novo mural: *Performatividade*. A obra, que representa uma cena familiar, é do artista paulista Apolo Torres. Segundo ele, o mural é um convite para pensarmos os diferentes papéis que exercemos no cotidiano. “Um debate constante lá em casa, entre minha companheira e eu, é justamente sobre a performatividade de gênero e o papel de cada um de nós”, afirma Torres, que é formado em Desenho Industrial e já levou sua arte para outras cidades do Brasil, dos Estados Unidos e da Europa. Outra referência é a peça teatral *Como Gostais*, do inglês William Shakespeare (1564-1616), que reflete sobre os diferentes papéis que as pessoas assumem durante a vida.



LITERATURA INFANTOJUVENIL



Arte: Divulgação

Um olhar amoroso dirigido ao ser humano, que se traduz em um profundo respeito pelo indivíduo, seus gostos, desgostos, inquietações, vivências e experimentações. Essa é a melhor definição para a série de livros *Narrativas Sensíveis e Outras Histórias*, da ediPUCRS. As obras se propõem a “ingressar no reino das palavras e da criação, e dali trazer a essência necessária para realizar a travessia que é a vida”. Além de configurar um espaço de publicação de narrativas para as infâncias – como no livro *A morte, as estrelas e um violão*, de Lucas Raupp –, a série inclui textos teóricos e práticos sobre a literatura infantil e juvenil.



Você encontra mais informações no site da ediPUCRS.

CURSO INTERNACIONAL GRATUITO SOBRE CIDADES INTELIGENTES

É impossível não pensar em tecnologia quando o assunto é cidades do futuro. Mas o conceito é bem mais amplo – engloba cidadania, governança, qualidade de vida, desenvolvimento humano e social, entre outros aspectos. Todos esses elementos estão em pauta no Cap4City, um curso aberto, internacional e gratuito sobre cidades inteligentes e sustentáveis. Fruto de um projeto de pesquisa financiado pelo fundo ERASMUS, da União Europeia, e correalizado pela Escola de Negócios da PUCRS, o curso inclui oito módulos. São 31 disciplinas ministradas por professores de países da América Latina e da Europa, e estão hospedadas na plataforma EdX. “O projeto visa ensinar as pessoas a compreenderem os problemas nos municípios, para modelar as iniciativas e melhorar a qualidade de vida nessas regiões”, explica a professora Edimara Mezzomo Luciano, pesquisadora da Escola de Negócios e coordenadora do Cap4city. Mais de 3 mil pessoas já acessaram o conteúdo do curso.



Arte: freepik.com



Informações do Cap4city e inscrição pelo QR Code.

IMAGENS E CENAS DO CAMPUS



Arte Divulgação

Palavra de origem francesa traduzida como esboço ou rascunho, *croquis* se caracteriza como um desenho básico. “Todas as pessoas possuem habilidades naturais para o desenho. Não há pessoas incapazes de aprender a desenhar, da mesma maneira que não há pessoas incapazes de aprender a escrever”, diz o arquiteto Paulo Ricardo Bregatto, professor da PUCRS e responsável pelo Projeto Recortes e Pontos de Vistas. Instalada no 2º andar do Living 360º (prédio 15 do Campus), a mostra reúne representações gráficas e históricas de diversos pontos do Campus da PUCRS.



Use o QR Code para saber mais.

ACERVO DE LIVROS EM BRAILLE



Além de uma coleção superior a 200 livros falados, a PUCRS dispõe de um acervo em braille. Os livros são de empréstimo exclusivo para pessoas com deficiência visual – como a colaboradora Carlise Vieira (foto), que atua na Gerência de Pessoas e Cultura da PUCRS –, mas podem ser consultados por qualquer usuário da biblioteca. São cerca de 30 obras em braille sobre temas como literatura infantil, brasileira, inglesa, americana, biografias, direito, educação e sociologia – a maioria doados pela Fundação Dorina Nowill para Cegos. Obras de autores como Ailton Krenak, Jeferson Tenório e Anna Lyndsey estão presentes no acervo.

FORMAÇÃO E INCLUSÃO

De acordo com o IBGE, as pessoas com deficiência (PcD) representam 8,9% da população brasileira acima de 2 anos. São 18,6 milhões de indivíduos. O levantamento mostra ainda que essa parcela da sociedade tem menos acesso a estudo e emprego. Atualmente, só 26% de PcDs estão empregados – bem menos do que o percentual geral da população (60,7%). Para ajudar a tornar o mercado de trabalho mais plural e inclusivo, a PUCRS, em parceria com o Senac, oferece um programa de aprendizagem para pessoas com deficiência. A atividade tem duração de um ano e conta com aulas teóricas (no Senac) e aulas práticas (na PUCRS). O objetivo é profissionalizar e contratar PcDs para áreas administrativas. Ao final dos 12 meses, há possibilidade de efetivação na Universidade. É o caso de Amanda Rezende (foto ao lado), atual colaboradora da Biblioteca da PUCRS. Para participar do programa de aprendizagem para pessoas com deficiência, é preciso ter no mínimo 16 anos.





OS CAMINHOS DA FELICIDADE

A FILOSOFIA SEMPRE PONDEROU SOBRE A NATUREZA DA SATISFAÇÃO PLENA – UM CAMPO QUE AGORA RECEBE GRANDES DOSES DE CONTRIBUIÇÃO DA NEUROCIÊNCIA E DA PSICOLOGIA. HOJE, JÁ SE SABE QUE A FELICIDADE É UMA PORTA COM MÚLTIPLAS E COMPLEXAS CHAVES. E O MAIS IMPORTANTE: VOCÊ NÃO TEM A OBRIGAÇÃO DE PROCURÁ-LAS

Rodrigo OLIVEIRA

Encontrar um propósito de vida é uma busca absolutamente particular. Mas ao menos um objetivo é comum a todos os seres humanos. “Não há ninguém que não queira ser feliz”, definiu o teólogo Santo Agostinho, por volta do século 5. O sábio, um dos artífices do pensamento ocidental, chegou a elaborar a sua fórmula própria para alcançar a felicidade. Nos liceus de Hipona (atual Argélia), Agostinho alertava seus discípulos sobre a efemeridade dos pequenos desejos. O segredo do bem viver era o contentamento. E o caminho para alcançá-lo passava por entregar-se àquilo que havia de mais grandioso e perene – no caso, a sabedoria e a fé em Deus. Ou seja, um tesouro acessível a quem se dedicasse a amalhá-lo. Em 2011, entretanto, cientistas da London School of Economics and Poli-

tical Science (LSE) chegaram a uma descoberta oposta à tese do santo filósofo. Eles notaram que a chave da felicidade pode ser microscópica, transitória e quase aleatória. E não está disponível a todos de maneira equânime.

A serotonina é o neurotransmissor responsável pela sensação de bem-estar. Representa uma das pontes por onde a felicidade deixa o seu ambiente abstrato e se torna palpável. Sua materialização se dá por meio de sensações positivas percebidas pelo sistema límbico – região do córtex frontal que abrange as emoções, o comportamento e a memória. Algumas pessoas conseguem promover essa transição de maneira mais fácil. Elas são dotadas de uma variante robusta do gene 5-HTT. Trata-se do trecho do DNA que gera um transportador da serotonina, cuja função é pulverizar essa química ben-



Foto: Giordano Tolido/PUCRS

“NENHUMA QUESTÃO ATUAL É TÃO IMPORTANTE QUANTO [A FELICIDADE]. A VIDA É CURTA. MAS, NA INFELICIDADE, PODE SER LONGA.”

Juremir Machado da Silva, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Famecos

fazeja entre os neurônios.

O estudo da LSE envolveu 2.500 pessoas dos Estados Unidos. Elas tiveram o genoma analisado e foram questionadas sobre os seus níveis de bem-estar. Aquelas que detinham o tipo longo do 5-HTT se mostraram muito mais propensas à felicidade. Cerca de 69% disseram estar satisfeitas ou muito satisfeitas com a vida. O percentual caiu para 19% no grupo cujo gene era mais curto – e menos eficiente. Já em 2016, outro gene entrou em pauta: o FAAH. Esse filete gera uma proteína que metaboliza o neurotransmissor anandamida, ligado à ampliação do prazer sensorial. A substância é encontrada em algumas drogas e até no chocolate.

Um grupo de geneticistas da Universidade de Varna, na Bulgária, e da Universidade Politécnica de Hong Kong, na China, analisou mais de 400 mil pessoas de acordo com seus perfis de humor – abrangendo uma gama de estados emocionais. Foi notada a prevalência do FAAH em países onde havia mais pessoas felizes. México e Nigéria, por exemplo, tiveram a variante eficaz do FAAH em 40% da amostragem. Em ambos, 60% dos entrevistados davam joinha para a vida. Na China e no Iraque, onde o FAAH funciona bem para apenas 10% do grupo, o percentual de felizes caiu para 20%. Seria possível dizer que o acesso à felicidade está submetido a uma mera loteria genética? Os pesquisadores descartam essa hipótese.

A genética ajuda, mas não é determinante para alguém ser feliz, segundo a LSE. O caráter comportamental exerce uma influência direta. Aqui, a sabedoria moderna faz as pazes com a antiguidade. Há quase 2.500 anos, o grego Aristóteles analisou as virtudes do agir humano para elaborar o seu conceito de felicidade – definido pelo termo eudaimonia. Para

o filósofo de Estagira, esse estado de ser não era apenas um sentimento ou uma promessa: era uma prática. “É viver de uma forma que cumpra o nosso propósito”, diz Wagner de Lara Machado, professor e pesquisador das Escolas de Ciências da Saúde e da Vida e de Medicina da PUCRS. Talvez, a humanidade jamais tenha concordado tanto com Aristóteles quanto nos dias de hoje. E isso vem impactando o mundo de diferentes formas.

ESCRAVOS DA ALEGRIA

Em fevereiro de 2021, o economista Anthony Klotz previu a aproximação de uma onda de pedidos de demissões nos EUA. Ele acreditava que um levante de inconformidade com os modelos de trabalho atuais, turbinado pelas limitações da pandemia, levaria muitas pessoas a promoverem uma guinada em suas vidas. O mercado deu de ombros, pois os números não apontavam nada de especial nos desligamentos. Mas o cenário logo mudou. Cerca de 4 milhões de pessoas deixaram seus empregos em agosto daquele ano – quase 3% da força de trabalho americana. Foi o maior contingente da história, logo superado pelos dados dos meses seguintes. A cascata de gente pedindo as contas também desaguou no Reino Unido, na França e no Brasil.

Por trás do fenômeno, batizado como Grande Renúncia (Great Resignation), está a busca pela felicidade. Um dos principais motivos apontados por quem vem abandonando postos de trabalho ou mudando de carreira é a necessidade de estabelecer uma rotina mais aprazível e condizente com seus valores. “Nenhuma questão atual é tão importante quanto esta. A vida é curta. Mas, na infelicidade, pode ser longa”, argumenta o escritor e professor Juremir Machado da Silva, coordenador do

Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Escola de Comunicação, Artes e Design (Famecos) da PUCRS. Ele reflete sobre o tema no livro *Ser feliz é tudo que se quer*. A obra, elaborada a partir de textos publicados por ele no jornal *Correio do Povo*, revisita 35 pensadores para falar do combustível que move a humanidade.

A perseguição quase impositi-

va da felicidade pode ser considerada um traço do atual zeitgeist – o espírito de nosso tempo. Mas nem sempre foi assim. Na Idade Média, sorrisos fartos não eram exatamente uma manifestação muito benquista. Havia certa reverência à melancolia, reflexo de um ideário religioso mais sóbrio e restritivo, típico da era medieval. Em *História da felicidade*, o americano Peter

Stearns, professor da Universidade George Mason (EUA), explica que o conceito mudou dali em diante. A constituição francesa, por exemplo: com seu caráter libertário, estabeleceu a felicidade como um direito do ser humano, em 1793. Hoje, parece ter se tornado um dever. “Num mundo sem transcendência, no qual o homem fixa seus valores, a felicidade é, ao mesmo





“DIANTE DE UMA SITUAÇÃO QUE ESCAPA AO CONTROLE, TENTAR NEGAR, FUGIR OU IGNORAR O FATO NÃO VAI NOS FAZER MAIS FELIZES.”

Juliana Markus, psicóloga e doutoranda do grupo de Avaliação em Bem-estar e Saúde Mental no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS



“PRECISAMOS VIVER DE MANEIRA A CUMPRIR NOSSO PROPÓSITO, SEM IDEALIZAR UMA VIDA PERFEITA.”

Wagner de Lara Machado, professor e pesquisador das Escolas de Ciências da Saúde e da Vida e de Medicina da PUCRS

tempo, dogma, utopia, obrigação, ideal e fardo”, diz Juremir Machado. A chamada “positividade tóxica” desponta como subproduto dessa postura.

Quando nos sentimos deprimidos, ansiosos, irritados ou tristes, um mecanismo comum de enfrentamento é enterrar esses sentimentos e emoções e tentar seguir em frente. O ato de impor a nós mesmos – ou aos outros – uma atitude falsamente positiva se manifesta em clichês como “não se deixe abater” ou “poderia ter sido pior”. Há quem lance mão de uma metafísica vazia para culpabilizar o próprio indivíduo por estar apartado da felicidade – “você atrai o que emana”. Palavras aparentemente bem-intencionadas, mas que negligenciam o sofrimento e o reputam como mera escolha – e não um fenômeno cultural, histórico e socialmente determinado. “O problema desse olhar é a negação de todos os aspectos emocionais que sentimos diante de qualquer situação que represente um desafio”, diz Wagner de Lara Machado. “Existe a chance de idealizar-se a vida perfeita.”

O professor diz que as redes sociais constituem terreno fértil para a “ditadura da felicidade”. Isso acontece porque, em público, as pessoas tendem a destacar o lado bom da vida. Ninguém quer ser visto em prantos, com um pote de sorvete no colo. A hashtag #GoodVibesOnly (apenas boas energias), por exemplo, conta com mais de 18 milhões de menções no Instagram. Ao que tudo indica, isso gera um efeito rebote.

As “bolhas de felicidade virtual” pressionam os usuários a comparar suas vidas e conquistas com as dos outros. Ao deparar-se apenas com as melhores versões alheias, muitas vezes idealizadas e filtradas, ele corre o risco de rebaixar a própria experiência no mundo. A grande cilada está em julgar os

sentimentos “negativos” como maus ou inadequados. Uma pesquisa da Universidade da Califórnia (EUA) mostrou que essa postura aumenta os níveis de estresse, abrindo a porta para a ansiedade e a depressão.

Nesse sentido, há um crescente conjunto de pesquisas indicando que o ser humano se sai melhor quando aceita emoções desagradáveis como apropriadas e saudáveis, em vez de tentar combatê-las ou suprimi-las. Ainda assim, cultivar uma perspectiva esperançosa em relação à felicidade também pode ser muito útil. É o que o americano Martin Seligman, precursor da psicologia positiva, vem tentando propor há cerca de 30 anos.

FELICIDADE SE APRENDE

A Organização Mundial da Saúde (OMS) indica que, em 2030, a depressão será a principal causa de incapacitação, à frente, inclusive, das doenças cardiovasculares. Atualmente, a entidade estima que 121 milhões de pessoas sofram da doença. Ao mesmo tempo, começaram a surgir novos enfoques que buscam questionar se o papel da psicologia estaria, de fato, limitado a uma atuação paliativa para abrandar crises ou se existiria algo a mais nas pessoas que funcionasse como alavanca para o bem-estar e a felicidade.

Como presidente da Associação Americana de Psicologia no final da década de 1990, Martin Seligman criou uma rede de estudiosos que se dedicaram a pesquisar “o que funciona” no ser humano. A psicologia positiva centra-se na prosperidade individual e social, a partir de tópicos como felicidade, autoestima, otimismo e alegria. “Quando nos concentramos nos pontos fortes das pessoas, estamos, indiretamente, ajudando-as a lidar com as suas dificuldades”, explica o psicó-

A FELICIDADE ATRAVÉS DOS ANOS

SÉCULO 5 a.C.

Prazer



Uma das primeiras doutrinas sobre a satisfação humana é o hedonismo, que considera a procura pelo prazer como a finalidade da vida.

SÉCULO 4 a.C.

Ética



Filósofos como Aristóteles defendiam que a felicidade pode ser atingida por meio de uma vida ética, em que as virtudes geram bem-estar geral.

IDADE MÉDIA

Salvação



Sob influência de valores religiosos, o prazer não tem vez e o sofrimento passa a ser tolerado como forma de fortalecimento pessoal.

IDADE MODERNA

Apego material



O liberalismo passa a exaltar o bem-estar material e a qualidade de vida, características que influenciam nossa ideia de felicidade até hoje.

1950

Saúde mental



No pós-guerra, falava-se muito sobre traumas e transtornos, mas psicólogos começaram a defender a valorização do lado bom da vida.

1990

Propósito



Criada pelo americano Martin Seligman, a psicologia positiva prioriza a análise das motivações que culminam na felicidade.



Foto: Arquivo Pessoal



“QUANDO NOS CONCENTRAMOS NOS PONTOS FORTES DAS PESSOAS, ESTAMOS, INDIRETAMENTE, AJUDANDO-AS A LIDAR COM SUAS DIFICULDADES.”

Tal Ben-Shahar, professor de Positive Psychology: the Science of Happiness na pós PUCRS Online

Foto: Arquivo Pessoal



“A FELICIDADE PODE SER APRENDIDA, COMO FALAR ESPANHOL OU TOCAR VIOLÃO. É UMA HABILIDADE MENTAL.”

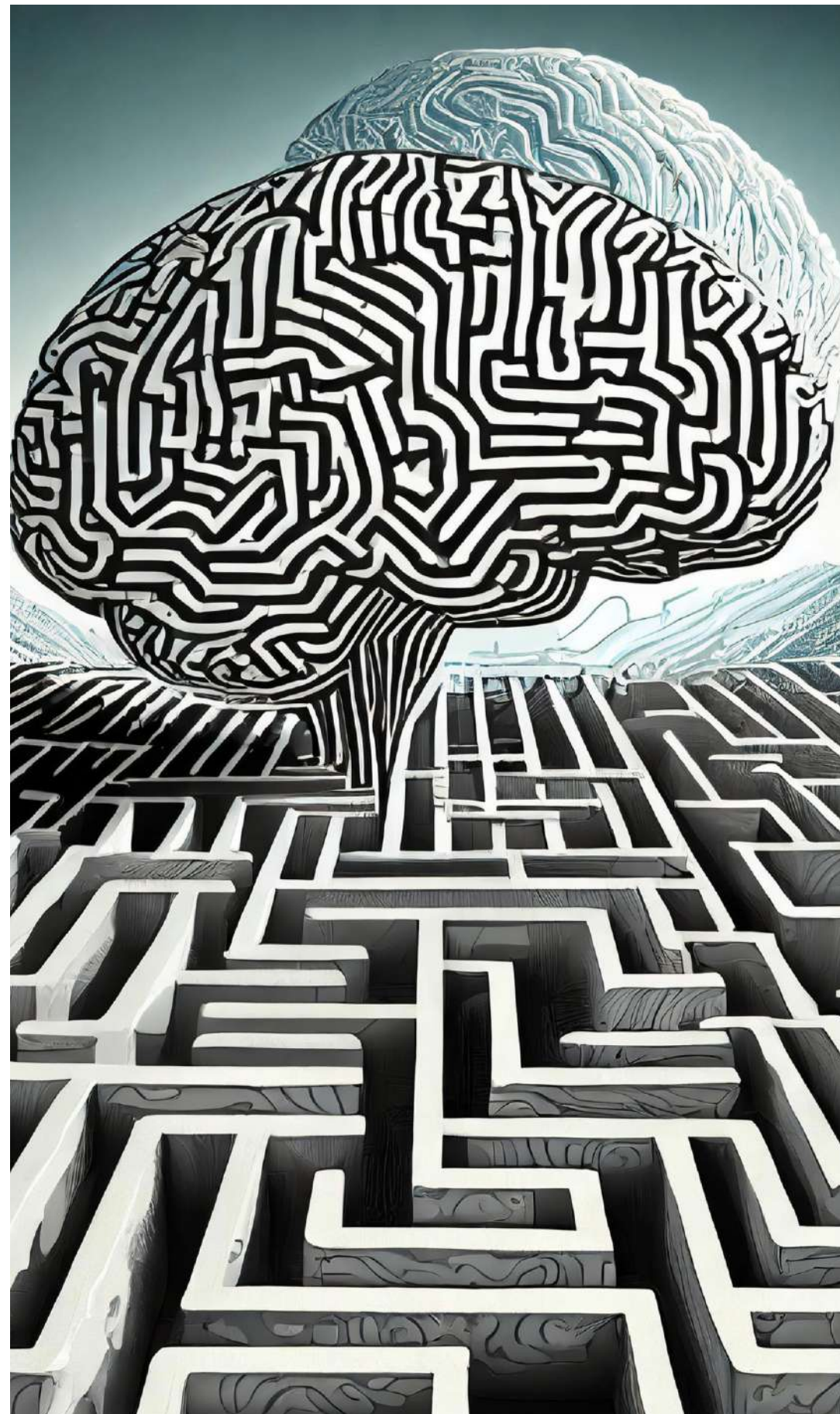
Gustavo Arns, professor na pós-graduação Psicologia Positiva, Ciência do Bem-Estar e Autorrealização da PUCRS Online

logo israelense Tal Ben-Shahar, que lecionou por 25 anos em Harvard e hoje é o titular da disciplina Positive Psychology: the Science of Happiness (Psicologia Positiva: a Ciência da Felicidade, em português), disponível para todos os estudantes da pós PUCRS Online.

O ensino sobre a felicidade é uma tendência na educação superior. Além de universidades privadas, como a PUCRS, várias instituições públicas – como Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Universidade de Campinas (Unicamp) – ministram disciplinas ou cursos nesse sentido pelo menos desde 2019. Antes disso, a felicidade já fazia sucesso na grade curricular de instituições internacionais de renome, como Harvard e Yale (onde chegou a ser classificada, pelo *The New York Times*, como “a aula mais popular de todos os tempos”).

As aulas de felicidade partem da psicologia positiva tanto quanto da mudança comportamental. E são embasadas por vários estudos clínicos e científicos. O que eles dizem? Décadas de pesquisa mostram que uma atitude otimista é um agente fortalecedor da saúde, protegendo o organismo tanto de condições crônicas quanto agudas. A má notícia é que isso vai contra a natureza humana: a maioria de nós está programada para se concentrar nas próprias fraquezas e limitações. Essa tendência é resultado da evolução da espécie. Os mais atentos aos perigos tinham mais chances de sobrevivência. Trata-se de um talento ancestral para se concentrar nos problemas potenciais e evitar encrenca. Dá para escapar a essa propensão atávica ao baixo astral? Sim, usando a neuroplasticidade.

O termo se refere à capacidade do cérebro de se redesenhar a partir dos estímulos recebidos. “Pode-



mos treiná-lo para sermos mais felizes”, diz Gustavo Arns, especialista em psicologia positiva e idealizador do Congresso Internacional da Felicidade. “A felicidade pode ser aprendida, como falar espanhol ou tocar violão. É uma habilidade mental, ligada à capacidade de processar e interpretar a nossa realidade”, acrescenta ele, que é professor na pós-graduação PUCRS Online em Psicologia Positiva: Ciência do Bem-Estar e Autorrealização.

Mas atenção: assim como não há atalho para executar uma sonata de Mozart, não há um caminho rápido para a boa fortuna. Perceber uma realidade mais equilibrada e encontrar motivos que nos façam sentir bem é um esforço. Um dos exercícios que os psicólogos propõem é tentar listar dez coisas boas no final do dia. Também é importante refletir e saber lidar com aquilo que não deu certo. É uma questão de contraste: só compreendemos a felicidade pela consciência de seu oposto. “Diante de uma situação que escapa ao controle, tentar negar, fugir ou ignorar o fato não vai nos fazer mais felizes”, diz Juliana Markus, aluna de doutorado do grupo de Avaliação em Bem-estar e Saúde Mental no PPG de Psicologia da PUCRS. “Focar na solução, e não no problema, ajuda a resolver as crises de forma mais rápida, eficiente e positiva.”

DENTRO DE VOCÊ

A felicidade não depende apenas de aspectos genéticos ou mentais. O elemento social também pesa nessa equação. Em 2012, a ONU criou o Relatório Mundial da Felicidade. O ranking leva em consideração variáveis como PIB per capita, expectativa de vida e percepções de corrupção. O Brasil ocupa o 49º lugar entre as 137 nações analisadas. Está atrás de países como Arábia Saudita, Uruguai e Panamá. A Finlândia, líder nas últimas seis edi-

ções, aparece no topo. Dinamarca e Islândia vêm logo atrás. O último posto pertence ao Afeganistão.

Os fatores externos, porém, detêm a menor fatia daquilo que Tal Ben-Shahar chama de “bem-estar integral”. Por esse cálculo, a felicidade deriva 50% da genética, 40% das escolhas pessoais e apenas 10% do ambiente – percentuais que podem mudar em situações extremas, como uma guerra. Ben-Shahar, assim, reforça a ideia de que o foco deve estar nas questões internas. Em especial, nas condutas capazes de aplacar o sofrimento. “Resolvi estudar a felicidade devido à minha infelicidade. Era aluno de Harvard, atleta de ponta, ganhava bem e tinha boas perspectivas. Mas estava infeliz”, lembra o professor. “Depois de me beneficiar da psicologia positiva, quis compartilhar com os outros o que aprendi.”

O relato de Tal Ben-Shahar guarda outro insight: a correlação entre dinheiro e felicidade não é infalível. Uma pesquisa de 2024 da Universidade McGill, de Montreal, no Canadá, analisou 3 mil habitantes de 19 sociedades tradicionais ao redor do mundo. Apenas 64% sabiam lidar com dinheiro. Em uma escala de zero a 10, a média de satisfação com a vida ficou em sete. Algumas comunidades ultrapassaram a nota oito. De acordo com o estudo, são dados semelhantes aos dos países escandinavos – como os três que lideram a lista da ONU. Então, dá para ser feliz com o bolso vazio? A questão é mais complexa.

Como se vê, há vários caminhos para a felicidade. E persegui-la a todo custo talvez não seja o melhor. Para Gustavo Arns, do Congresso Internacional da Felicidade, a experiência completa não é um destino, mas uma direção: como você viaja pela vida é o que conta. Dá para pedir mais? Talvez uma boa companhia. Fora isso, é reclinar o banco e aproveitar o passeio. ■



NAS TRINCHEIRAS DO COMBATE À VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Danielly OLIVEIRA



Raquel Maria Violeta Cossa de Pinho, 48 anos, ocupa um cargo no alto escalão no Ministério da Saúde de Moçambique: é **Ponto Focal da Violência Baseada no Gênero**. Além disso, é **presidente do Conselho Jurisdisciplinar na Ordem dos Enfermeiros** do país, localizado no leste africano. **Formada em Enfermagem pela PUCRS**, Raquel nasceu em Maputo, capital do Moçambique, e é a mais velha de quatro irmãos, filha de um enfermeiro e de uma empregada doméstica. Quando criança, mudou-se com a família para a província de Sofala, no distrito de Gorongosa, epicentro da guerra que atingiu a região por 16 anos. **“Apesar de ser pequena, na época, ainda lembro das vezes em que precisávamos ficar em casa e evitar acender a luz à noite, com medo”**, recorda. Alguns anos depois, por conta da escalada do conflito, ela e a família voltaram para Maputo. Foi onde se dedicou aos estudos – e conquistou uma bolsa para vir ao Brasil. Nesta entrevista, ela lembra da experiência na PUCRS e explica como a Universidade contribui para o trabalho que desenvolve atualmente.

“FIZ O MEU PRIMEIRO ESTÁGIO NOS CUIDADOS INTENSIVOS COMO VOLUNTÁRIA NA PUCRS E, DEPOIS, EM OUTROS HOSPITAIS, COMO O FÊMINA. ISSO AJUDOU MUITO NO MEU CRESCIMENTO PESSOAL E PROFISSIONAL.”

Raquel Maria V. Cossa de Pinho, Alumni PUCRS e funcionária do Ministério da Saúde de Moçambique

O QUE VOCÊ FAZIA ANTES DE ESTUDAR NA PUCRS?

Quando voltamos para Maputo, fiz o ensino primário e cursei dança na Escola Nacional por sete anos. Ao terminar o ensino secundário, em 2000, decidi entrar para a área da saúde e fiz um curso técnico de Medicina. Até que, em 2005, através de uma iniciativa dos Irmãos Maristas, fui selecionada para uma bolsa de estudos no curso de Enfermagem da PUCRS.

COMO FOI SUA EXPERIÊNCIA NA PUCRS?

Antes de efetivamente começar as aulas, em 2005, tive que fazer um cursinho preparatório para o vestibular do verão. Também frequentei algumas aulas de português na Universidade. Isso me ajudou a ter mais contato com pessoas nativas do Brasil e de outros países. Tive excelentes professoras e colegas. Fiz o meu primeiro estágio nos cuidados intensivos como voluntária no Hospital São Lucas da PUCRS e depois em outros hospitais, como o Fêmima. Isso foi fundamental para meu crescimento pessoal e profissional.

E DEPOIS?

Eu só voltei para Moçambique depois de terminar o mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), quando me candidatei para trabalhar no Ministério de Saúde. Após ser selecionada, fui colocada no departamento que cuida e normatiza toda atividade assistencial médica e de enfermagem em Moçambique. No entanto, devido à pressão internacional sobre a violência baseada no gênero em meu país, surgiu a oportunidade de abraçar o desafio de trabalhar nesse segmento.

EM 2022, VOCÊ E OUTROS MEMBROS DO MINISTÉRIO DA SAÚDE DE MOÇAMBIQUE VISITARAM A



Foto: Giordano Toledo

Para Ana Karina Fuentes, da Uniminuto (Colômbia), a experiência de fazer intercâmbio na PUCRS foi inesquecível e enriquecedora. “A Universidade não apenas me proporcionou um ambiente acadêmico estimulante, mas também mergulhar na cultura do Brasil”, diz. Na foto, Ana Karina está ao lado Kyuzo Kato, estudante da Sophia University (Japão).

PUCRS. COMO FOI?

A ideia foi conversar com diversas estruturas e profissionais da PUCRS para partilhar experiências sobre abordagens da violência baseada no gênero e encontrar pontos em comum nas iniciativas nesta área. Aprendemos novas formas de abordagem de prevenção e resposta, especialmente na comunidade, além do processo de reintegração de vítimas de violência de gênero. Tudo isso por meio de ocupação nos tempos livres, apoio na educação e atividades profissionalizantes, o que contribui para o desenvolvimento do indivíduo, bem como do próprio país. ■

PRESERVANDO A MEMÓRIA COLETIVA

CONSERVAR E DAR ACESSO A DOCUMENTOS E ARTEFATOS HISTÓRICOS É IMPORTANTE PARA A SOCIEDADE COMPREENDER O PASSADO, SABER COMO AGIR NO PRESENTE E PROJETAR O FUTURO

Paulo César TEIXEIRA

“Aqueles que não podem lembrar o passado estão condenados a repeti-lo.” A afirmação é de George Santayana, um filósofo, poeta e ensaísta espanhol, e está registrada em *A Vida da razão*, livro publicado em 1905. Em outras palavras, compreender o que aconteceu no passado é crucial para saber como agir no presente e projetar o futuro. Por essas e outras razões é que a preservação da memória em nível coletivo é tão importante.

“Da mesma forma que lidamos com a memória individual, que engloba experiências da trajetória de vida de uma pessoa, também a sociedade precisa preservar sua memória para construir uma identidade coletiva”, diz Charles Monteiro, professor da Escola de Humanidades da PUCRS e autor do livro *Porto Alegre e suas escritas:*

história e memórias da cidade (ediPUCRS, 2006). Na prática, isso significa resguardar e cuidar de documentos antigos, claro. Mas também disponibilizar esses materiais às gerações atuais e futuras.

A questão é: quais são as narrativas válidas para análise e interpretação dos fatos passados que envolvem uma coletividade? E ainda: de que maneira o confronto de diferentes narrativas organiza uma identidade coletiva, influenciando, de uma forma ou de outra, a trajetória presente e futura da sociedade? São indagações que transpassam o dia a dia do historiador, profissional encarregado de elaborar a memória coletiva a partir de pesquisas em documentos, monumentos e publicações na imprensa, entre outros arquivos.

Segundo Monteiro, um ponto-chave a considerar é que, antes de tudo, a construção da memória é



Foto: PUCRS/arquivo

“QUANTO MAIS RICA E DIVERSIFICADA A NOSSA HISTÓRIA, MAIORES SERÃO AS POSSIBILIDADES DE DIFERENTES GRUPOS SOCIAIS, DE GÊNERO OU ETNIA SE RECONHECEREM NELA.”

Charles Monteiro, professor da Escola de Humanidades da PUCRS

um processo de seleção entre várias possibilidades, pois não existe apenas uma versão dos fatos. Daí o “confronto” de narrativas. (Cabe lembrar que, em determinados momentos históricos, muitos grupos sociais foram silenciados; portanto, sua versão dos fatos é desconhecida.)

É preciso estimular as pessoas a refletirem a respeito do que é “memória oficial”. Ou seja, a interpretação mais bem aceita e difundida dos fatos do passado, que acaba por se consolidar ao longo do tempo. “Quanto mais rica e diversificada a nossa história, maiores serão as possibilidades de diferentes grupos sociais, de gênero ou etnia se reconhecerem nela”, diz o professor. Esse tipo de debate, inclusive quando promovido em espaço público, ajuda a com-

bater posturas radicais e atitudes de violência e preconceito.

NOVOS SIGNIFICADOS

A identidade coletiva é justamente o que diferencia os gaúchos dos paulistas, cariocas ou baianos. Ao compor essa identidade, porém, existe uma tendência de privilegiar a narrativa que abrange determinados aspectos. É o caso da conquista do campo, destacando a memória das famílias que se desenvolveram a partir da agricultura – e depois através do comércio e da indústria – e que também formaram as principais lideranças políticas do Rio Grande do Sul.

Para o professor da Escola de Humanidades da PUCRS, essa narrativa se sobrepõe a algumas identidades – como a dos povos originários que ocuparam o território

gaúcho (e brasileiro) antes da colonização portuguesa. Ela também é seletiva em relação a outros temas, como a dos negros escravizados.

Há casos em que a construção da memória inclui novos significados, de modo a inverter até mesmo o sentido original do acontecimento histórico. Para confirmar isso, basta retroceder à Revolução Farroupilha, ocorrida entre 1835 e 1845, quando parte da população gaúcha se rebelou contra o Império. De alguma forma, a sociedade fez da derrota dos farrapos um modelo de heroísmo, que compôs os traços de uma identidade coletiva. Com isso, o insucesso nos campos de batalha se transformou, paradoxalmente, em marca identitária dos gaúchos.

DEVER DA MEMÓRIA

A construção da memória também sofre os impactos da evolução tecnológica. Um dos pontos positivos é que a tecnologia amplia o acesso a informações e dados históricos. Isso se dá, por exemplo, através da digitalização de documentos e da construção de mapas interativos. Ademais, os dispositivos tecnológicos permitem o uso de linguagens mais lúdicas e atrativas, especialmente às novas gerações. É o caso de exposições virtuais, jogos online, podcasts e filmes. Só que o professor Charles Monteiro, da PUCRS, adverte: “O avanço tecnológico também diminui o que chamamos de ‘dever da memória’”. Ele diz que, com a facilidade de acesso às informações, armazenadas em nuvens ou dispositivos tecnológicos, as pessoas simplesmente estão deixando de sentir necessidade de lembrar e memorizar o passado.

Para compreender melhor, talvez valesse adicionar uma perspectiva cognitiva e neurobiológica. Há exemplos bastante práticos nesse sentido. Até pouco tempo atrás, a maior parte das pessoas decorava os contatos telefônicos mais próxi-

MÉRITO CULTURAL HOMENAGEIA CANTOR MARTINHO DA VILA



O cantor e compositor carioca Martinho da Vila recebeu, em novembro, o reconhecimento Mérito Cultural PUCRS. O artista foi homenageado por dar vida ao drama, à luta e à resistência do povo negro contra o racismo e as injustiças sociais. Em sua obra, Martinho aborda questões como negritude, conflitos da vida na favela e rodas de capoeira. “Receber uma homenagem como esta, desta Universidade conceituada, me sensibiliza de uma maneira especial”, afirmou. Na mesma noite, o cantor inaugurou a Galeria Mérito Cultural, reservada para destacar os artistas reconhecidos com a honraria. A homenagem é atribuída a personalidades do meio artístico que tenham uma trajetória marcada pela defesa da cultura e da educação.

mos, como os de familiares e amigos. Hoje, a maioria simplesmente não consegue lembrar desses contatos sem checar o celular. “O que fazemos, então, é confiar nossa memória à tecnologia”, diz Cristiane Furini, coordenadora do Laboratório de Cognição e Neurobiologia da Memória da PUCRS (antigo Centro de Memória do Instituto do

Cérebro do RS, o InsCer). Ela acrescenta: “Se é verdade que o acesso imediato e instantâneo às informações libera espaços em nosso cérebro para o armazenamento da memória, talvez seja o caso também de questionarmos se estamos fazendo bom uso do nosso tempo livre”. As ponderações são instigantes – e é melhor lembrarmos delas. ■

DELFO: TESOURO HISTÓRICO ABERTO AO PÚBLICO

Em tempos de lembranças voláteis, museus e outros ambientes de preservação da memória exercem uma função extremamente relevante: não apenas armazenam as informações referentes ao passado, mas também ajudam a processá-las e contextualizá-las. É o que faz o Delfos – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS, que abriga a memória histórica, literária e cultural da sociedade gaúcha. “O espaço é amplamente divulgado como um lugar para pesquisas, tanto acadêmicas quanto particulares”, explica Daniela Schestatsky Christ, bibliotecária responsável pelo Delfos. Por lá, é possível encontrar documentos referentes às áreas de Letras, Artes, Jornalismo, Cinema, História e Arquitetura. O local armazena itens clássicos e raridades, como originais de livros, correspondências entre autores, fotografias, documentos pessoais, livros com anotações particulares, plantas de arquitetura, jornais antigos e documentos a respeito da imigração alemã no Rio Grande do Sul, entre outros.

O Delfos está aberto para consulta de segunda a sexta-feira, das 10h30min às 19h.

NO PALCO

AS APRESENTAÇÕES MAIS RECENTES
DO SALÃO DE ATOS DA PUCRS



DENISE FRAGA



ADRIANA CALCANHOTTO



VITOR RAMIL



MARTINHO DA VILA

Fotos: Giordano Toledo/PUCRS

O Salão de Atos Irmão Norberto Rauch é o icônico espaço cultural da PUCRS que recebe grandes nomes da cena artística. É o caso da atriz Denise Fraga, que em fevereiro de 2023 protagonizou o espetáculo *Eu de Você*. Em abril, a cantora Adriana Calcanhotto realizou seu show em homenagem a Gal Costa. Já o israelense Yaron Kohlberg e o palestino Bishara Haroni, que formam o Amal Piano Duo, apresentaram-se em setembro. No mês seguinte, foi a vez de Vitor Ramil – e Martinho da Vila subiu ao palco do Salão de Atos em novembro. Vale lembrar que outros espaços da casa também recebem eventos culturais. A cantora Andréa Cavaleiro, por exemplo, se apresentou em setembro no Auditório do InsCer, no prédio 63 da PUCRS. ■



AMAL PIANO DUO



ANDRÉA CAVALHEIRO



PIONEIRAS DA EDUCAÇÃO ONLINE

A INTERNET MAL EXISTIA E ALGUMAS MULHERES JÁ PAVIMENTAVAM O CAMINHO PARA FAZER DA PUCRS UMA REFERÊNCIA NO ENSINO MEDIADO POR TECNOLOGIAS. CONHEÇA SUAS HISTÓRIAS

Daniel SANES

A educação a distância (EaD) está consolidada no Brasil. De acordo com o último Censo da Educação Superior, elaborado com base nos dados de 2022, a oferta de cursos EaD cresceu 700% em dez anos. Por consequência, o número de matrículas também aumentou. Dos 4,7 milhões que começaram cursos de graduação, cerca de 3,1 milhões optaram pela modalidade virtual – quase dois terços (65%) do total. Na PUCRS, são aproximadamente 67 mil estudantes matriculados em cursos a distância. Um cenário que não seria possível sem o árduo trabalho da pesquisa. Antes mesmo de a internet existir, vários profissionais da PUCRS desenvolviam estudos na área da educação mediada por tecnologia. E, ao longo dessa jornada, as mulheres sempre tiveram papel de destaque. A seguir, você vai conhecer as histórias de algumas dessas pioneiras da educação online. Elas falam sobre a evolução da informática na educação, o desenvolvimento da EaD e os desafios que enfrentaram na carreira pelo simples fato de serem mulheres.

Fotos: Clordano Toldo/PUCRS



“A WEB FACILITA O ACESSO A DIFERENTES ABORDAGENS DE UM MESMO CONTEÚDO, COLOCANDO PARA O PROFESSOR O DESAFIO DA CURADORIA E DA PROBLEMATIZAÇÃO DESSA INFORMAÇÃO.”

Débora Conforto, que atuou na coordenação de Disciplinas Online da Graduação Presencial da PUCRS

ENSINO PERSONALIZADO

Formada em Ciências Biológicas, a professora Débora Conforto mudou de área quando, em 1995, leu um cartaz que divulgava uma especialização em Informática na Educação na PUCRS. Esse passou a ser seu campo de pesquisa, com duas especializações e um mestrado (com passagem direta para doutorado). “Tenho esse momento muito presente na memória”, diz a educadora de 62 anos. “Percebi que os computadores poderiam possibilitar a construção de algumas respostas para o descompasso que já se percebia entre as propostas pedagógicas e o mundo, cada vez mais complexo e desafiante. Eu estava certa.”

Em 2019, Débora foi responsável por implementar a Coordenação de Disciplinas Online da Graduação Presencial, que atualmente conta com um portfólio de 55 disciplinas. Algo inimaginável

em 1997, quando a internet recém começava a ganhar força nos espaços educacionais. Quase três décadas depois, a educação agora debate os impactos da Inteligência Artificial (IA), o que pode permitir processos mais personalizados de aprendizagem e qualificar a prática docente para além dos ambientes presenciais.

Com tantas possibilidades e recursos digitais à disposição, deslocar-se presencialmente para uma instituição de ensino superior deve ter como premissa a possibilidade de realizar práticas efetivamente autorais. Esses devem ser espaços coletivos de criação, de mão na massa. É hora da prática – já que, em tese, a pluralidade de conteúdos digitais libera o docente da tarefa de “fornecer” a informação exclusivamente em sala de aula. “A web facilita o acesso a diferentes abordagens de um

mesmo conteúdo, colocando para o professor o desafio da curadoria e da problematização dessa informação. Isso propicia uma otimização do tempo pedagógico para construções cognitivas mais desafiadoras”, acredita.

Cabe dizer que, em vez de “educação a distância”, a educadora prefere o termo “educação não presencial”. Ela defende: “O uso da palavra ‘distância’ é problemático. Com os recursos tecnológicos que temos, podemos experimentar qualificadas práticas educacionais com distanciamento físico, mas com a garantia de comunicação e interação. Ou seja, com a efetiva presença humana”. Segundo Débora Conforto, o período de pandemia ensinou que a presencialidade assume novas configurações. “Não são piores ou melhores, e sim configurações mais efetivas.”



“NA PUCRS, BUSCAMOS OFERTAR ALGO QUE ACOMPANHE OS VALORES DA UNIVERSIDADE. É UM DESAFIO, POIS A PRESSÃO DO MERCADO É ENORME – E OFERECER EDUCAÇÃO DE QUALIDADE TEM CUSTO.”

Lucia Maria Martins Giraffa, professora e ex-coordenadora da PUCRS Virtual

COMPROMISSO COM A QUALIDADE

Lucia Maria Martins Giraffa, 67, não só testemunhou as transformações na PUCRS como participou ativamente delas. Formada em Matemática e Ciências, teve uma breve passagem pela Universidade no início dos anos 1980, regressando em 1986 para atuar como pesquisadora e professora da Escola Politécnica. Começou na docência em EaD, em 1987, quando os sistemas não eram integrados. “Foi quando percebi o quanto poderia ser promissora esta abordagem, desde que pautada pela interação e presencialidade no virtual.”

Em 2006, foi chamada pela Reitoria para coordenar a PUCRS Virtual. “A experiência foi maravilhosa, construída a várias mãos. A PUCRS Virtual já tinha um nome e uma reputação de pioneirismo e prestava importantes serviços com seu sistema de satélite e arquitetura pedagógica”, destaca. Especialista

em Análise de Sistemas, mestra em Educação e doutora em Computação na área de Inteligência Artificial na Educação, a professora considera que a EaD evoluiu junto com as tecnologias digitais, a internet e as aprendizagens proporcionadas pelos diferentes modelos pedagógicos – exitosos ou não.

“Eu acredito na EaD do jeito como pensamos aqui na PUCRS: alicerçada em interação, materiais de qualidade, professores preparados e um cuidado para o estudante se sentir presente mesmo a distância”, sintetiza Lucia. Se ainda há resistência à modalidade, diz ela, é pelo oportunismo de grupos interessados apenas nos ganhos financeiros. “Na PUCRS, buscamos ofertar algo que acompanhe os valores da Universidade. É um desafio, pois a pressão do mercado é enorme – e oferecer educação de qualidade tem custo.”



“É CARACTERÍSTICO DA PUCRS ESTAR NA VANGUARDA, PORQUE SEMPRE INVESTIU NA CAPACITAÇÃO DOS PROFESSORES E EM TECNOLOGIA.”

Ílora Terezinha Pereira Claudio, professora emérita da PUCRS

DA MATEMÁTICA À INFORMÁTICA

No final da década de 1960, internet era coisa de ficção científica. Mesmo no ambiente acadêmico, um simples computador individual era artigo de luxo. “Foi só em 1974 que a universidade recebeu um IBM 1130, que tinha apenas 64 kilobytes”, relembra Ílora Terezinha Pereira Claudio, 76 anos, professora emérita da PUCRS. A título de comparação, a memória de um smartphone atual tem dezenas de gigabytes.

A educadora testemunhou os primeiros passos da Universidade rumo à informatização – e também ajudou a estabelecer os parâmetros do que seria o ensino conectado às novas tecnologias. Sua trajetória, no entanto, começou na Matemática.

Ílora se graduou na instituição em 1969 e, a partir do ano seguinte, já lecionava em diversos cursos. Certo dia, ao encerrar uma aula, foi

avisada pelo então superintendente acadêmico, Alfredo Steinbruch, que seu nome havia sido indicado para o mestrado em Ciência da Computação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). “Mas eu sou da Matemática”, respondeu. Steinbruch argumentou: “Vamos iniciar uma formação na área, e a universidade precisa de pesquisadores”. Desde 1971, a Informática da PUCRS era um dos departamentos do Instituto de Matemática. O objetivo era ampliar esse escopo de atuação para atender à crescente demanda do setor produtivo. Um convênio com a gigante IBM estava a caminho para viabilizar a tecnologia. Faltava capacitar docentes para a nova graduação. Ílora não hesitou e assentiu ao convite.

Em 1976, defendeu a dissertação no campo da Informática na Educação. No ano seguinte, a In-

formática da PUCRS ganhou um instituto próprio, posteriormente transformado em faculdade (Facin), sempre com atuação ativa de Ílora, inclusive como diretora. “Trabalhamos com diversos projetos, incluindo a universidade virtual junto à IBM, sementeira do Tecnopuc”, diz a professora.

A PUCRS, de fato, tornou-se um polo promotor de novas iniciativas, o que fundamentou todo um projeto de pós-graduação, com laboratórios e bolsas de pesquisa para centenas de alunos. “É característico da PUCRS estar na vanguarda, porque sempre investiu na capacitação dos professores e em tecnologia”, explica Ílora. Ela lembra que, no princípio da EaD, havia muita desconfiança no setor, mas a pandemia revelou o potencial do formato. “E a universidade, sempre um passo à frente, já estava preparada.”



SOBRE MACHISMO E JORNADA DUPLA

Além do amor pelo que fazem, as pesquisadoras ouvidas nesta reportagem compartilham o desafio de atuar em ambientes onde os homens predominam.

A professora Lára Claudio lembra que, ao prestar vestibular, sua mãe ficou orgulhosa pelo fato de a filha ser a primeira mulher da família a fazer faculdade. “Ela me dizia: ‘Uma mulher precisa ser independente, e a chave para a independência é o conhecimento’”, recorda, emocionada. Anos depois, precisou conciliar a maternidade com a jornada profissional. O cuidado dos quatro filhos foi dividido com o marido, mas ela reconhece que isso não é regra. “Apesar de a minha caminhada ter sido suave, o jugo é pesado. Você tem que provar [que é capaz] o tempo todo. Se o seu trabalho for excelente, o gênero não importa. Mas se for mediano, vão dizer que é porque você é mulher.”

Também conciliando o papel de mãe e pesquisadora, Lucia Giraffa percebe muito mais respeito ao protagonismo feminino hoje em dia. Quando estava na graduação, havia bastante preconceito. “Lembro de

várias situações ruins com alguns (poucos) professores machistas e abusivos que desafiavam a gente para desistir da área exata. No entanto, na PUCRS nunca senti isso”, diz.

Débora Conforto também se vê em situação de privilégio em relação às gerações que a antecederam. Mas acredita que ser mulher, mãe, trabalhadora e pesquisadora continua sendo “um difícil quebra-cabeça”. Para completá-lo, diz, é preciso uma rede de apoio – o que fez toda diferença para a professora Adriana Kampff. “Fiz o doutorado com meus filhos ainda pequenos, trabalhando e sem bolsa. Felizmente, tive apoio familiar para seguir minha carreira profissional”, conta ela. A pesquisadora busca estender isso para as mulheres de sua equipe, mostrando empatia e dando suporte. “Na área da computação, ainda somos minoria. E geralmente a mulher se preocupa quando vai ter filhos ou eles ainda são pequenos e requerem cuidados especiais. É preciso compreender esse contexto laboral, inclusive para termos melhor produtividade”, argumenta Kampff.



ESTÍMULO PARA APRENDER MAIS

De outra geração, Adriana Justin Cerveira Kampff, 49, concluiu a graduação em Informática pela PUCRS em 1995. “Ainda era uma época em que precisávamos estar na universidade para estudar. Só no último ano da graduação fizemos um investimento pra ter computador em casa, pois era caro”, lembra ela, que depois fez mestrado em Ciência da Computação e doutorado em Informática na Educação.

Adriana atua como professora na universidade desde 2017 e, há três anos, é pró-reitora de Graduação e Educação Continuada. Antes disso, tinha trabalhado na Rede Marista, com vários projetos ligados à área de tecnologia educacional. “Entendi que a internet tinha o potencial de nos estimular a aprender mais, por meio das ferramentas digitais.

Para mim, virou uma meta oferecer essa oportunidade para mais pessoas.”

Por isso, a pró-reitora defende o papel da EaD na democratização do ensino, alicerçada em bons parâmetros de qualidade, materiais pedagógicos adequados, ferramentas de comunicação eficazes e, claro, um quadro docente capacitado. “A interação com nossos professores é um elemento essencial para a eficácia desse processo”, ressalta.

A PUCRS oferece diferentes modelos de educação EaD, incluindo presencial com disciplinas online, graduação virtual e educação continuada. “A Universidade sempre foi pioneira nessa área. E, graças a uma série de experiências anteriores, conseguimos alcançar o grau de maturidade que temos hoje”, conclui Adriana Kampff. ■

“ENTENDI QUE A INTERNET TINHA O POTENCIAL DE NOS ESTIMULAR A APRENDER MAIS, POR MEIO DAS FERRAMENTAS DIGITAIS. PARA MIM, VIROU UMA META OFERECER ESSA OPORTUNIDADE PARA MAIS PESSOAS.”

Adriana Kampff, pró-reitora de Graduação e Educação Continuada



UMA QUESTÃO DE

CONSCIÊNCIA

À FRENTE DO THE MEDULLOBLASTOMA INITIATIVE (MBI), O EMPRESÁRIO GAÚCHO FERNANDO GOLDSZTEIN LIDERA UMA FORÇA-TAREFA PARA ENCONTRAR A CURA DE UM DOS TIPOS DE CÂNCER QUE MAIS AFETA CRIANÇAS NO MUNDO.

Emanuel NEVES

“Crianças nunca deveriam ter câncer.” Se fosse criado um plebiscito para avaliar mudanças nas regras da vida, a proposta acima teria Fernando Goldsztein como seu maior defensor. Afinal, é a frase mais repetida pelo empresário. Um lamento transformado em lema e propósito de sua existência.

Graduado em Administração pela PUCRS, Goldsztein é um dos sócios da Cyrela, uma das principais construtoras do País. Hoje, porém, o cargo que mais o representa é o de fundador do The Medulloblastoma Initiative (MBI). A organização se dedica a captar recursos para o tratamento do meduloblastoma, o câncer cerebral que mais afeta crianças. Em 2015, aos 9 anos, seu filho foi diagnosticado com a doença. Ali, Goldsztein iniciou uma dura relação com a enfermidade de Frederico, marcada por irrisignação e grandes doses de empatia. “Só quem passa por isso tem a real dimensão. A vida é nosso bem mais caro. E a vida de um filho é ainda mais preciosa”, define. O câncer, aliás, não era uma novidade para ele. Em 2005, Goldsztein viajou a Houston (EUA) para tratar um tumor ósseo. Deu certo. A doença desapareceu.

Já com o meduloblastoma os entraves tendem a ser maiores. O tumor afeta o cerebelo, responsável

pela coordenação motora. A cada ano, são registrados 25 mil casos – raros em adultos. O tratamento quase não evoluiu desde os anos 1980. É agressivo e deixa sequelas para o desenvolvimento da criança. O índice de cura chega a 70% dos pacientes. Os outros 30% tendem a não resistir. “Ficamos do lado errado da estatística”, conta Goldsztein. Não há protocolos para esses casos. A saída é apostar em tratamentos experimentais. Goldsztein, então, procurou o Dr. Roger Packer, um dos maiores especialistas em tumores cerebrais pediátricos, vinculado ao Children’s National Hospital, de Washington. De cara, doou US\$ 3 milhões do seu bolso para colaborar com o avanço dos estudos. Mas sabia que era preciso ir além. Em 2021, estruturou o MBI para ampliar a captação de recursos e financiar um pool de laboratórios que se dedica a testar novos caminhos para a cura. Atualmente, Frederico está bem e mantém a doença sob controle. E o rápido avanço das pesquisas gera esperanças a milhares de outros pacientes.

Neste bate-papo com a Revista PUCRS, Fernando Goldsztein conta um pouco sobre a jornada do MBI – e também fala sobre o projeto Conexões de Valor, evento que apresenta ações de ex-alunos da Universidade, inspirado em sua experiência no Massachusetts Institute of Technology (MIT).



“UM ADULTO COM CÂNCER JÁ É ALGO DRÁSTICO. MAS MUITOS DESENVOLVEM A DOENÇA DE MODO ADQUIRIDO, EM FUNÇÃO DOS HÁBITOS. NA CRIANÇA, NÃO ACONTECE ASSIM. É PURAMENTE UMA LOTERIA DA VIDA. DEVERIA SER PROIBIDO.”

O MBI é fruto da sua busca por tratamentos para o Frederico. Como foi lidar com uma situação tão complexa?

Foi um momento dramático. Chegamos a um impasse, pois não há protocolo para esse caso. O meduloblastoma afeta 30 mil crianças por ano. Dessas, 10 mil irão morrer. Senti que precisava contribuir para mudar esse cenário. Então, contatei o Dr. Packer e realizei uma doação inicial. Foi um valor expressivo, mas sabia que não seria suficiente. Com esse dinheiro, o Dr. Parker pôde começar a unir um time formado por alguns dos melhores cientistas do mundo. Hoje, o projeto auxiliado pelo MBI conta com um consórcio de 13 laboratórios, localizados nos EUA, Canadá e Alemanha. O ecossistema inclui três dos cinco maiores especialistas em meduloblastoma. A proposta é desenvolver tratamentos que possam chegar à cura da doença.

E como funciona esse processo?

Os 13 laboratórios trabalham online, de forma colaborativa e sinérgica,

para alcançarem novas descobertas. Em menos de três anos, já temos quatro *clinical trials* – dois deles submetidos à FDA. É algo inédito. Em geral, esses estudos demandam um tempo mais longo. Há previsão de novos tratamentos experimentais para os próximos dois anos. O mérito disso é todo da estrutura montada pelo Dr. Parker. Eu apenas o encontrei.

Qual o diferencial dos tratamentos que estão em teste?

Todos são baseados em imunoterapia, uma técnica que utiliza as próprias células de defesa do corpo. Os linfócitos são treinados para atacar as células tumorais. Há casos de cânceres pediátricos, como leucemias, que estão sendo resolvidos assim. Queremos saber se a imunoterapia funciona para cânceres sólidos. Quanto mais *clinical trials* houver, mais chance temos de encontrar um protocolo eficaz.

Um dos estudos mostrou que é possível descobrir o câncer no embrião. No futuro, pode ser viável evitar o seu desenvolvimento?

Esse é um trabalho do Dr. Michael Taylor (Universidade de Toronto), que recebeu um suporte do MBI. Mas é algo que vai além da nossa fundação. A ideia é que, no futuro, exista um teste capaz de detectar se a criança terá ou não o meduloblastoma. O processo seria semelhante ao de um pólipso no intestino. Você o retira para evitar a formação do tumor. É um projeto ainda muito incipiente. Vai levar décadas para chegarmos a uma vacina, por exemplo. Mas se trata de um avanço.

O meduloblastoma é o câncer cerebral mais comum em crianças. Por que o tratamento ficou estagnado por tantos anos?

A média de casos, embora pareça alta, é inexpressiva do ponto de vista estatístico. Por isso, não existe interesse da indústria farmacêutica nem dos governos. Só é possível mudar isso pela filantropia.

Por que investir em estudos fora do país?

As pesquisas já estavam mais avançadas fora daqui. Os próprios laboratórios não foram escolhidos ao acaso. Todos possuíam *funding* para estudar tratamentos de câncer infantil. A diferença é que esses investimentos costumam ocorrer por meio de *grants* – uma subvenção dada a projetos que se candidatam a recebê-la. Já o modelo do MBI é diferente. Os recursos são 100% destinados a esse ecossistema que estuda o meduloblastoma. É uma doença tão desassistida que precisou surgir uma iniciativa brasileira para financiar estudos nos EUA, Canadá e Alemanha. Isso também é inédito.

O MBI contribui para colocar holofotes sobre esse tema.

Sim, o foco vai além da cura. Em inglês, a gente usa o termo *raise awareness*. Algo como “aumentar

US\$ 10 MILHÕES

É QUANTO O MBI JÁ ARRECADOU. A META É CHEGAR A US\$15 MILHÕES ATÉ O FIM DE 2024. PARA DOAR, ACESSE O SITE MBINITIATIVE.ORG

a consciência” sobre o assunto. Queremos mostrar que essa doença e essas crianças ficaram abandonadas pela sociedade desde sempre. O tratamento é o mesmo há 40 anos. De lá para cá, a tecnologia mudou em diferentes sentidos e a medicina também. Mas os pacientes de meduloblastoma seguem condenados a uma abordagem de muito alto risco. Mudar esse cenário é a essência do MBI. E acho que essa divulgação pode estimular que mais famílias tomem esse tipo de atitude e possam auxiliar a resolver outras doenças raras.

Em 2023, o MBI foi um dos três projetos apresentados no encontro de ex-alunos da Sloan School of Management, do MIT. A ideia do Conexões de Valor veio de lá?

O Tulio Milman [presidente da Associação de Amigos do Museu de Ciência e Tecnologia da PUCRS] contou ao Ir. Evilázio Teixeira sobre o MBI. Ele achou o projeto inovador e me chamou para conversar. A partir daí, surgiu a ideia dessa ação para integrar as estratégias de reaproximação da universidade com seus ex-alunos. A primeira edição, realizada em novembro, contou com a participação da mastologista Maira Caleffi, presidente do Instituto da Mama do Rio

PUCRS CARREIRAS

CAMINHO DAS PEDRAS

Mentorias e capacitações do PUCRS Carreiras promovem a interação entre egressos e alunos da universidade

Estreitar laços com os *alumni* é uma das prioridades da PUCRS. E um dos canais utilizados para isso é o PUCRS Carreiras, núcleo de orientação profissional. Administrado pela Fundação Irmão José Otão (Fijo), o setor foi criado em 2019 e possui serviços voltados para alunos, egressos e público em geral. É o caso da mentoria, em que o participante recebe um direcionamento para sua carreira. “Muitos dos mentores são egressos que retornam para contribuir com os jovens e manter essa conexão com a universidade”, explica Amanda Ferronato, supervisora de Comunicação e Marketing do PUCRS Carreiras. Ao todo, são seis encontros – que podem ocorrer de modo presencial ou online. A mentoria é gratuita para alunos e *alumni* com até dois anos de diplomação.

E aí, faz sentido?

Outra ação de destaque é o *E aí, faz sentido?*, podcast focado em desenvolvimento profissional. Os episódios de 40 minutos contam com a participação de um consultor do PUCRS Carreiras e um especialista convidado. “A ideia é propor conteúdos disruptivos, abordados por quem tem expertise e com a linguagem do nosso público”, conta Amanda, que é a âncora da atração. Confira no YouTube e no Spotify.



Leia o QR Code para saber mais sobre o **PUCRS CARREIRAS**

Grande do Sul (Imama), e do professor Jorge Audy, superintendente de Inovação e Desenvolvimento da PUCRS e do Tecnopuc. Sem dúvida, foi a primeira de muitas.

Qual a importância desse tipo de evento?

É um grande manancial de histórias e conexões para a PUCRS. Os egressos são ativos que precisam ser utilizados. Os americanos fazem isso muito bem e servem como referência.

Nesse sentido, como a formação realizada na PUCRS contribui para a sua trajetória?

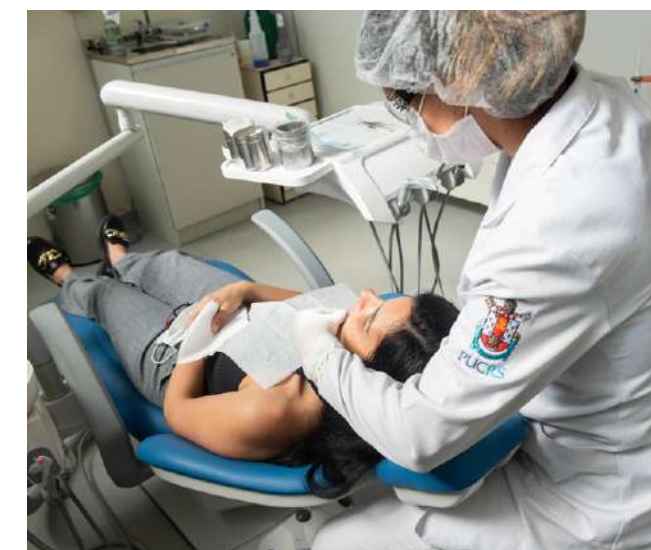
O curso de Administração, por ser abrangente, abriu muitas janelas. Tive ótimos professores. E depois, claro, cabe ao aluno buscar o foco. Fiz dois cursos de mestrado, na Fundação Dom Cabral e no MIT. Mas a base foi o caldo de cultura e informação recebido na PUCRS. Essa base sólida ajudou muito na minha carreira e neste desafio que estamos liderando. ■



EM 2023, FORAM 48,7 MIL ATENDIMENTOS NO CENTRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA VILA FÁTIMA. UNIDADE É REFERÊNCIA EM ESPAÇO INTERDISCIPLINAR E INTERPROFISSIONAL.



Fotos: Lucas Silva



PARA FORTALECER A COMUNIDADE E A APRENDIZAGEM

TODO ANO, MAIS DE 1 MIL ESTUDANTES DE NOVE CURSOS DA PUCRS REALIZAM ESTÁGIO NA UNIDADE DE SAÚDE VILA FÁTIMA – UMA EXPERIÊNCIA QUE TRANSFORMA TANTO A VIDA DE QUEM ATENDE QUANTO A DE QUEM É ATENDIDO

Leonardo PUJOL

Quando pediu transferência para a PUCRS, Alexandre Rodrigues Dias se sentiu realizado. “Não que a outra universidade não fosse boa, mas aqui encontrei uma estrutura muito melhor para aprender”, diz o estudante do último semestre de Fisioterapia. O elogio não é atribuído apenas à infraestrutura da Universidade, à grade curricular e ao corpo docente. Refere-se também às atividades de extensão, como a de participar da rotina do Centro de Extensão Universitária Vila Fátima (CEUVF) da PUCRS. “Foi uma experiência

muito rica e que agregou demais ao meu currículo”, pontua Dias.

Criado em 1980, o “Vila Fátima” está localizado no bairro Bom Jesus, próximo ao campus da Universidade. No princípio, tratava-se de uma iniciativa marista de interação e aproximação com a comunidade – uma das mais carentes de Porto Alegre. A ideia era ter um espaço para vivências práticas a partir da realidade e das necessidades da população. E assim aconteceu. Hoje, o CEUVF oferece programas de formação profissional, além de mutirões de saúde e de atendimento social aos 9 mil moradores

da região – sempre com a contribuição dos estudantes. Parte disso graças à ampliação que marcou os 40 anos do centro. Em 2020, o CEUVF inaugurou a Unidade de Saúde Vila Fátima, vinculada à Prefeitura de Porto Alegre e ao Sistema Único de Saúde (SUS).

Com a soma dos esforços da equipe da Unidade de Saúde e do centro de ensino, o Vila Fátima se tornou um espaço interdisciplinar e interprofissional referência para os estudantes, que podem vivenciar a realidade do sistema único de saúde e outras organizações e equipamentos sociais. “É uma

O CEUVF EM 2023

→ Total de profissionais na equipe	23
→ Total de professores	28
→ Número de alunos	1.392
→ atendimentos realizados	48.739
→ Cursos envolvidos	9

“EU SINTO QUE ESSE É O TIPO DE EXPERIÊNCIA QUE ME DEIXA TOTALMENTE PREPARADA PARA O MERCADO DE TRABALHO.”

Carolina Briceno, aluna do 9º semestre de Odontologia da PUCRS

“O CENTRO FAZ UMA CONEXÃO PODEROSA DA TEORIA COM A PRÁTICA, E TAMBÉM APROXIMA OS ESTUDANTES A DIFERENTES REALIDADES E DESAFIOS. ISSO PERMITE QUE ELES DESENVOLVAM UM CUIDADO MUITO MAIS HUMANIZADO.”

Andrea Bandeira, professora decana da Escola de Ciências da Saúde e da Vida da PUCRS e responsável pela gestão dos cursos de graduação que atuam no Vila Fátima

oportunidade ímpar para praticar o que aprendem na graduação”, diz Clarissa Blattner, professora responsável pela Coordenadoria de Ensino-Serviço em Saúde da unidade. Na prática, o ensino ocorre por meio de estágios obrigatórios, práticas assistidas e disciplinas extensionistas. Isso faz com que os alunos aprendam por meio de desafios reais, tornando-se protagonistas da própria aprendizagem, mais qualificados e competitivos.

Todos os anos, passam pelo CEUVF mais de 1 mil estudantes de nove cursos de graduação: Medicina, Enfermagem, Nutrição, Psicologia, Odontologia, Fisioterapia, Serviço Social, Direito e Educação. “Eu sinto que esse é o tipo de experiência que me deixa totalmente preparada para o mercado de trabalho”, conta Carolina Briceno, aluna do 9º semestre de Odontologia da PUCRS. Durante o estágio no Vila Fátima, dois semestres atrás, ela aprendeu a fazer anamneses mais criteriosas e a mexer no sistema online de agendamento. Também entendeu melhor o funcionamento do SUS e desenvolveu habilidades técnicas importantes. “Às vezes, chegavam atendimentos de urgência bastante complexos, que a gente não tinha contato na faculdade. Era muito

dinâmico e instrutivo solucionar esses casos com o suporte dos professores”, diz Carolina.

Além das hard skills, quem passa pelo CEUVF também desenvolve as tão necessárias soft skills – habilidades comportamentais e socioemocionais, como empatia, resiliência e colaboração. “O centro faz uma conexão poderosa da teoria com a prática, e também aproxima os estudantes a diferentes realidades e desafios. Isso permite que eles desenvolvam um cuidado muito mais humanizado”, afirma a professora Andrea Bandeira, decana da Escola de Ciências da Saúde e da Vida da PUCRS e atual responsável pela gestão dos cursos de graduação que atuam no Vila Fátima.

A equipe tem 23 profissionais, além da participação de 28 professores. Em 2023, foram 48,7 mil atendimentos. No mesmo ano, a execução de três emendas parlamentares permitiu a aquisição de novas cadeiras odontológicas. O CEUVF também recebeu pintura na parte externa e reformas nas áreas de odontologia e recepção, com ampliação de espaços e melhorias nos equipamentos e climatização dos ambientes. Esses incrementos impactam diretamente a qualidade dos serviços prestados à comunidade da Vila Fátima, aumentando o número de atendimentos e o bem-estar dos pacientes. ■

CEUVF - CENTRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA VILA FÁTIMA

Endereço: Rua Quatorze, 227 – Vila Nossa Sra. de Fátima, bairro Bom Jesus, Porto Alegre – RS

Dias de funcionamento: **segunda a sexta-feira**

Horário de atendimento: **8h às 17h**

(51) 3320-3536

vila-fatima@puccrs.br



TRANSFORMAÇÃO ATRAVÉS DO ESPORTE

Com base na definição da OMS (Organização Mundial da Saúde), segundo a qual saúde é “um estado de completo bem-estar físico, mental e social”, o Parque Esportivo da PUCRS – que integra o Campus da Saúde – busca sempre oferecer as melhores opções para uma vida mais saudável e para o aumento do bem-estar.

Uma delas é a Cicclo, plataforma de esporte e educação com valores inspirados no Judô, que traz na sua metodologia princípios como construção, conquista e compartilhamento. O método foi desenvolvido pelo medalhista olímpico Flávio

Canto e conta com a participação de outros ex-atletas de destaque, como Tande (vôlei), Gabriel Lima (futsal) e Diego Hypólito (ginástica artística). No Parque Esportivo da PUCRS, as aulas de judô infantil são ofertadas para alunos a partir de quatro anos e as de jiu-jítsu a partir de 15 anos de idade, com o professor e atleta olímpico Alex Pombo.

Mais recentemente, foi inaugurado no espaço o NBA Basketball School, programa de desenvolvimento pessoal através do basquete. O “método NBA” instrui os jogadores em um ambiente estruturado, focado no desenvolvimento de habilidades e na promoção de valores positivos, como integridade, trabalho em equipe, respeito e determinação.

O objetivo final do NBA Basketball School é fortalecer a cultura do basquete juvenil, ensinar lições de vida e

“Método NBA” busca fortalecer a cultura do esporte, ensinar lições de vida e capacitar os jovens para o sucesso na carreira.

capacitar jovens atletas para o sucesso dentro e fora da quadra. No Parque Esportivo da PUCRS, o projeto é destinado a meninos e meninas de seis a 17 anos, contando ainda com uma turma exclusiva para adultos.

PARQUE ESPORTIVO DA PUCRS

Av. Ipiranga, 6690 - Prédio 81
Porto Alegre/RS | CEP: 90619-900

(51) 3320.3622

parqueesportivo@puccrs.br

“TEMOS QUE REINTRODUZIR A CIVILIDADE NAS RELAÇÕES”

UM DOS MAIORES PENSADORES DA COMUNICAÇÃO NO MUNDO, DOMINIQUE WOLTON DIZ QUE A CAPACIDADE DE NEGOCIAÇÃO E O RESPEITO AO OUTRO SÃO PRINCÍPIOS BASILARES PARA O EFETIVO AVANÇO DA SOCIEDADE

Fernanda DREIER

Ao mesmo tempo em que a chamada “comunicação técnica” acelera o seu avanço, a capacidade humana de estabelecer conexões esbarra no egocentrismo. Quem diz é Dominique Wolton, fundador e diretor do Instituto de Pesquisa em Comunicação e Mídia da Universidade de Lyon III, na França. Autor de mais de 20 livros sobre comunicação no contexto digital, comunicação política, relação entre mídia e poder e interação entre culturas, Wolton mantém há mais de duas décadas uma estreita relação com o Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Escola de Comunicação, Artes e Design (Famecos) da PUCRS. Na entrevista a seguir, ele reflete sobre estes e outros temas – inclusive com um aparte sobre o Brasil.

FILHO DE UM INGLÊS E UMA FRANCESA, WOLTON NASCEU NA REPÚBLICA DOS CAMARÕES E PASSOU A INFÂNCIA NA COSTA DO MARFIM. CIDADÃO DO MUNDO E RADICADO NA FRANÇA, JÁ ESTEVE EM PORTO ALEGRE OITO VEZES

Quais são os maiores desafios de comunicação do século XXI?

A comunicação técnica é cada vez maior, enquanto a comunicação humana é sempre muito difícil. O grande desafio é conciliar essas duas formas de comunicação. É conseguir diminuir a comunicação técnica e tecnológica e dar tempo aos seres humanos para que eles possam ser humanidade.

Segundo um levantamento da Edelman, 80% dos brasileiros dizem nunca ter visto tamanha falta de civilidade e respeito no país como atualmente. Enquanto isso, a média global é de 65%. Como reverter essa realidade?

A questão da civilidade é muito importante. Antigamente, não havia escolha, era preciso respeitar os adultos, os idosos. Hoje vivemos uma situação inversa, em que cada um pode e faz o que quiser, sem ser obrigado a nada. A grande regra da civilidade, agora, é respeitar o outro, é a liberdade do outro que me obriga a respeitar. Então tem sempre duas possibilidades de civilidade: a da obrigação e a da civilidade da atenção, do respeito ao outro. O problema é que a gente não se interessa mais pelos outros.

E o que nos interessa?

Nós só nos interessamos por nós mesmos. Damos “bananas” à civilidade, que é a primeira aceitação do outro, e é fundamental às relações humanas e sociais. Temos que reintroduzir a civilidade nas relações. Quando dizemos “bom dia, senhor”, “bom dia, senhora”, é um reconhecimento. Isso é muito mais importante do que pensar o tempo inteiro “eu, eu, eu”. Tem um pouco de formalidade? Sim, mas é acima de tudo uma questão humana.

Por que temos esse nível tão alto de falta de respeito mútuo e de civilidade no Brasil?

Desconfio um pouco de estatísticas sobre questões tão complicadas, mas dá para pensar numa hipótese. A sociedade brasileira é violenta, com relações desiguais, negros e brancos, e até ontem era muito hierárquica. Pode ser que alguém não queira dizer bom dia ao outro como forma de emancipação e liberdade. Mas a verdadeira emancipação é reconhecer o outro em sua diferença: quando a gente dá bom dia, não quer dizer que seja amor, mas um mínimo de respeito.

Que abordagens ou práticas levam a boas negociações?

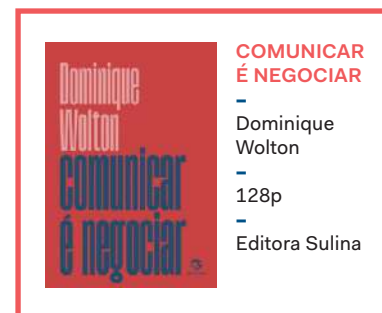
A condição número um é o respeito do outro. Tem sempre algum grau de desigualdade nas relações. Para negociar, pode existir muita dominação, e a negociação é sempre um progresso humano. Existe muita negociação desigual. Na negociação contemporânea, tenta-se respeitar o outro, relacionar-se com o outro a partir de um pouco de igualdade. Ninguém tem as mesmas opiniões quando negociamos, mas fazemos isso justamente para ter algo em comum: o respeito e interesse de todos.

Nesse processo, o reconhecimento do outro parece ser um ponto chave, certo?

É assim que começamos a sair da lógica do ódio e da dominação. E para mostrar como funciona a negociação, basta pegar o exemplo do comércio. Desde o início da humanidade, os homens se batem, se combatem e se massacram. A única situação em que isso muda é quando entra em cena o comércio. Eu tento te dominar na negociação, você tenta me dominar, e finalmente a gente acha valores justos. Quando se está negociando, ninguém tem ilusão em relação ao outro, mas se busca evitar o conflito. Comunicação é comerciar, é negociar.



AO LADO DE WOLTON, O PROFESSOR JUREMIR MACHADO DA SILVA, QUE TRADUZIU ALGUNS DE SEUS LIVROS – INCLUINDO O RECÉM-LANÇADO “COMUNICAR É NEGOCIAR”.



Como a capacidade de negociação pode ajudar em um contexto de guerras e impasses diplomáticos, por exemplo?

A pior das coisas na globalização, na vida, em todos os tempos, é a guerra. Desde sempre, os homens tentam se comunicar para evitar a guerra. Com a democracia, tentamos ter uma comunicação mais igualitária, mas seguimos tendo desigualdade. Um dos riscos da globalização é que, em vez de fortalecer o entendimento entre as pessoas, entre os povos de um país, ela acaba por fortalecer o ódio. Para salvar o conceito de comunicação, é preciso fazer várias coisas.

Por onde podemos começar?

Reconhecendo que a comunicação humana é mais difícil do que a técnica – e que a guerra é uma questão humana. Aí, voltamos ao ponto de que a comunicação se baseia no respeito. Atualmente, temos três situações: a comunicação bem-sucedida, em que a gente discute, compartilha e chega à paz – e é muito rara. A segunda questão, muito comum, é a incomunicação, que significa que nós não estamos de acordo. A gente discute, apesar das diferenças, e isso pode ser visto como um progresso. E a terceira situação é a comunicação, que é quando não tem mais jeito, ninguém se entende, e aí acaba em guerra. A

questão do século é como negociar para evitar a guerra. É comunicar no sentido da negociação. E acho impressionante o desejo de guerra ser mais forte que o de amor – como percebemos na internet, na televisão. A gente vê os outros e não há vontade de nos aproximarmos deles. A comunicação deve ser sempre um progresso no sentido de reduzir o ódio.

De onde vem tanta dificuldade em comunicar?

Alguém diz uma coisa, o outro não escuta ou não está de acordo, então ele responde ao interlocutor, que também não se interessa, não escuta. Faz um século que que a gente vem confundindo essa questão do emissor, da mensagem e do receptor. Tentou-se resumir a um problema principal, que seria a expressão. Mas não é porque eu digo uma coisa que o outro vai estar de acordo. A expressão, a mensagem, não é a comunicação, porque a gente em geral não concorda com o outro. Comunicar é negociar. A gente pode não estar de acordo, mas tem que querer negociar.

Uma prática comum nas relações é o silêncio como punição. O que o senhor acha desse tipo de atitude?

A comunicação sempre tem que ser vista como um progresso da democracia, porque ela é um diálogo. É poder falar, argumentar, discutir, dizer o que pensa. O silêncio é sintoma de que alguma coisa não está bem. Hoje, a questão não é a expressão, a possibilidade de falar, porque todo mundo pode falar. O maior problema está na dificuldade de dialogar, de escutar o outro, argumentar.

Como conciliar a velocidade exigida atualmente com a comunicação pessoal?

Para se respeitarem, os homens precisam de tempo. Por isso, exis-

te uma grande mentira no advento da internet e do digital. Tudo vai muito mais rápido, é verdade, mas a gente não se compreende. Todo mundo envia mensagens, responde a todos os contatos, mas nessa velocidade o que se estabelece é a incomunicação. As pessoas se interessam pelas relações afetivas, sexuais etc., e é na lentidão que isso acontece, pois toda relação afetiva demanda tempo. Só que mesmo nas relações afetivas, hoje, todos querem respostas rápidas, querem saber onde o outro está, onde foi. Esse tipo de comunicação técnica, mediada pela tecnologia, é fantástica. Veja na política, em que os chefes de Estado sabem de tudo que está acontecendo em todo lugar, mas há cada vez menos tempo para eles se encontrarem, dialogarem. Apesar desses encontros de cúpula – G7, G8, G12, G20 –, eles não conseguem estabelecer uma comunicação no sentido de aprofundamento pessoal, de olho no olho.

Nesse sentido, as ferramentas mais apoiam ou atrapalham a comunicação?

Depende do que estamos falando. O telefone, por exemplo: o melhor é quando duas pessoas se falam. Elas se comunicam de maneira simples e nem sempre concordam, mas se comunicam. A televisão e o rádio são cultura de massa, e funcionam como meios muito úteis por permitirem que pessoas diferentes se sintam parte de algo. Já a internet é uma comunicação muito forte entre pessoas que estão em acordo, que formam comunidades. Só que viver em sociedade não é necessariamente viver em comunidade, apenas; tem que sair da bolha.

Mas hoje o uso das tecnologias é um processo sem volta.

Faz mais de um século que o progresso tecnológico não para. Mas

“NÓS SÓ NOS INTERESSAMOS POR NÓS MESMOS. DAMOS ‘BANANAS’ À CIVILIDADE, QUE É A PRIMEIRA ACEITAÇÃO DO OUTRO, E É FUNDAMENTAL ÀS RELAÇÕES HUMANAS E SOCIAIS. TEMOS QUE REINTRODUZIR A CIVILIDADE NAS RELAÇÕES.”

nem por isso há mais comunicação humana. É paradoxal que quanto mais as pessoas podem contatar umas as outras, menos elas têm a possibilidade de se encontrar. A comunicação humana é frágil, é a mais imperfeita. Também é a única que tem consciência sobre paz e guerra. A comunicação tecnológica é formidável, mas a solução não passa por Google, Apple, Microsoft e demais big techs. A felicidade e o futuro não estão na internet, mas em conseguir que as pessoas se encontrem, se respeitem. A grande ilusão é pensar que, com todas essas ferramentas à disposição, os homens se compreendem mais. O futuro feliz não está na performance tecnológica, mas na comunicação entre seres humanos. Quem faz a guerra não são robôs, são homens. ■



QUANDO A TECNOLOGIA FAZ TODA A DIFERENÇA

CONHEÇA O PROGRAMA DEV THE DEVS, CORREALIZADO PELO TECNOPUC, QUE ABRE PORTAS NO MERCADO DE TI PARA ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DO SUL DO BRASIL

Danielly OLIVEIRA

Em 2021, Leticia Pimentel Fonseca tinha 19 anos e uma vida inteira pela frente. Mas algo a incomodava: prestes a completar o ensino médio, a jovem não vislumbrava perspectivas em sua trajetória profissional. Até assistir a uma reportagem na televisão sobre o Dev The Devs, programa de formação em Tecnologia da Informação (TI) oferecido pelo Parque Científico e Tecnológico da PUCRS (Tecnopuc). “O que me chamou atenção foi a possibilidade de conseguir um emprego, porque eu estava saindo do colégio sem suporte e não sabia onde procurar trabalho”, explica.

Moradora do bairro Humaitá, zona norte de Porto Alegre, Leticia se matriculou no curso mesmo sem conhecer quase nada de

TI. Em troca, recebeu mais do que um diploma – ganhou uma carreira. “Por meio do programa, eu cresci, aprendi e conquistei minha primeira oportunidade”, diz. Hoje, aos 22 anos, Leticia trabalha como UX/UI Designer Júnior na desenvolvedora de softwares DB-Server.

O nome Dev the Devs é uma contração de Develop the Developers, algo como “desenvolva os desenvolvedores”. Lançado em setembro de 2021, o programa prepara alunos de escolas públicas para o mercado de trabalho. O conteúdo aborda conceitos de computação, funcionamento da internet e impacto na programação, além de ferramentas e linguagens de programação para desenvolvimento de sistemas web. Ao longo da formação, pro-

À DIR., LETÍCIA FONSECA E SEUS PAIS, SILVANA E SIDNEI, COM O DIPLOMA DO PROGRAMA.



À ESQ., HELENA AGUIAR (DE CINZA) AO LADO DA ENTÃO PRESIDENTE DO BRDE, LEANY LEMOS.

ADOTE UM AMANHÃ

Esse é o nome do app desenvolvido pela Agência Experimental de Engenharia de Software (AGES) da PUCRS para o Ministério Público do Rio Grande do Sul (MPRS). A tecnologia facilita a preparação e a integração social dos cerca de 800 adolescentes amparados pelo acolhimento institucional de Porto Alegre. O aplicativo também destaca as demandas coletivas de 70 abrigos e casas lares. No total, 15 alunos da PUCRS participaram do projeto, lançado em 2023.

O aplicativo **Adote um amanhã** está disponível tanto para o sistema Android quanto iOS.

fessores e outros profissionais ajudam na tarefa de criar engajamento e conexão entre estudantes e organizações locais.

A primeira edição disponibilizou mil vagas, sendo 500 para meninos e 500 para meninas. Assim como Letícia, outros 47 formandos da região metropolitana de Porto Alegre participaram da seleção do Full Stack Social — nome dado ao programa Jovem Aprendiz realizado pelo Centro Social Marista em parceria com o Tecnopuc. Já em sua segunda edição, em 2022, o Dev the Devs foi ampliado para Santa Catarina e Paraná, contando com a participação de 2.302 jovens, selecionados entre mais de 3 mil inscritos.

O Dev the Devs é correalizado por Tecnopuc, Rede Gaúcha de Ambientes Inovadores (Reginp) e Associação de Empresas de Tecnologia (Assespro-RS). O programa tem apoio das secretarias da Educação e de Inovação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, além de contar com patrocínio do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE) em

parceria com o Banco de Desenvolvimento da América Latina (CAF).

PARA ENCURTAR A DESIGUALDADE

O mercado de tecnologia no Brasil deverá gerar 797 mil vagas de trabalho até 2025, segundo levantamento da Associação das Empresas de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) e de Tecnologias Digitais (Brasscom) divulgado no fim de 2023. O detalhe é que, mesmo com uma remuneração 2,9 vezes acima da média de outros setores, ainda faltam profissionais qualificados nesse mercado. O cenário torna ainda mais relevante iniciativas como o Dev the Devs, que geram novas possibilidades para estudantes de escolas públicas.

“De um lado, observamos que a falta de oportunidades e de acesso à tecnologia reflete em desigualdades na educação e na renda dos jovens. De outro, há escassez de talentos, sendo esta a principal barreira para o desenvolvimento da TI no Brasil e no mun-

INCLUSÃO EM PAUTA NO MCT



O Museu de Ciência e Tecnologia (MCT) da PUCRS agora conta com atividades especiais para pessoas do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Segundo Marcus Vinicius Klein, diretor do MCT, a programação nasceu do entendimento de que o museu recebe um alto número de visitantes – além de exibir atrações de forte estímulo visual. A iniciativa é realizada no terceiro domingo de cada mês. Em um horário específico, o MCT adapta todos os sons e ruídos, da mesma maneira que diminui a circulação de visitantes para receber os públicos com maior sensibilidade sensorial. Também foi criado um mapa e outros recursos pensando nesse tipo de acolhimento. Tudo isso, claro, conduzido por uma equipe de monitores devidamente treinados.



No app do MCT, é possível conferir as exposições “Mudanças Climáticas” e “Marcas da Evolução” por meio de recursos especiais para pessoas com deficiência visual, auditiva e baixo letramento – como descrição e legenda.

➔ O MCT funciona de terça a sexta-feira, das 9h às 17h, e sábados e domingos, das 10h às 18h.



CONHEÇA MAIS SOBRE O MCT

do”, afirma Daniela Venturini, community manager no Tecnopuc. O programa é inspirado no modelo de hélice quádrupla, que representa a cooperação entre universidade, governo, empresas e sociedade civil. “O objetivo de ações como essa é usar a capacidade de articulação das redes colaborativas em prol do desenvolvimento sustentável”, acrescenta

Daniela. Em apenas duas edições, o programa impactou 3,3 mil estudantes de ensino médio da rede pública da região Sul. Entre elas está Helena Della Giustina Aguiar, de 20 anos, moradora de Santa Cruz do Sul (RS). Helena também esteve entre as participantes selecionadas na primeira edição. À época, ela estava na reta final do ensino médio. “Foi um di-

visor de águas em minha vida”, afirma. A experiência no programa levou a jovem a optar pela graduação em Ciência da Computação. Depois de realizar alguns estágios na área, foi efetivada na Impley Tecnologia, especializada em software e hardware. “Tudo o que venho conquistando nos últimos anos tem o seu início no Dev the Devs”. ■

A RETOMADA DO SABER

APÓS HIATO DE 14 ANOS, ÁREAS DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO VOLTAM A TER PROTAGONISMO NA FORMULAÇÃO DE POLÍTICAS NACIONAIS

Paulo César TEIXEIRA

Em nenhum outro tempo na história, a educação ao lado da Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) foi tão importante para as sociedades. Esses eixos atuam como fatores determinantes do desenvolvimento social, econômico e ambiental. Uma das explicações é que a soberania nacional contemporânea envolve o domínio do ciclo científico e tecnológico, bem como sua aplicação nas empresas e na sociedade por meio da inovação. Dito isso, o Brasil passou um longo período de tempo sem realizar seu principal evento relacionado a esses temas tão importantes – a Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (CNCTI). A boa notícia é que a conferência voltará a acontecer de 4 a 6 de junho de 2024, em Brasília. A última edição do encontro havia ocorrido em 2010.

“Atravessamos um período difícil e complexo, no qual essas áreas foram duramente afetadas. É um processo que estava congelado e agora está sendo retomado”, afirma Jorge Audy, superintendente de inovação da PUCRS e do Tecnopuc. “Nesse sentido, a Conferência terá um papel fundamental na definição das estratégias que serão adotadas nestes segmentos nos próximos dez anos.” Audy é o re-

presentante das universidades comunitárias no Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia (CCT) da Presidência da República. Instância de estudos e formulação de políticas, presidida pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o CCT é constituído por 16 ministros de Estado, além de oito membros que representam produtores e usuários de ciência e tecnologia e de seis representantes de entidades dos setores de ensino, pesquisa, ciência e tecnologia (comunidade acadêmica).

As atividades do Conselho foram retomadas em 13 de julho de 2023, durante reunião em que

também foi criada a portaria que oficializa a nomeação do ex-ministro Sérgio Rezende como secretário-geral da Conferência. O Conselho desempenha um papel consultivo de assessoramento da Presidência da República, contribuindo para a formulação e a implementação da política nacional dos setores envolvidos (CT&I). “Já tivemos um exemplo da atuação do órgão no apoio da elaboração da política industrial recentemente anunciada pelo governo, a qual teve uma efetiva contribuição do CCT”, relata Audy. Segundo ele, a 5ª CNCTI deverá perseguir uma agenda focada na busca dos con-

senso mínimo necessários para a proposição de políticas e diretrizes que mostrem o caminho para a inserção do Brasil entre os grandes países do mundo. As áreas de educação e CT&I seriam pilares desse processo. “As grandes soluções para os graves problemas e desafios que vivemos passam pela CT&I, como ficou demonstrado durante a pandemia. A identificação destes problemas e desafios nacionais futuros permitirão a priorização de projetos científicos transdisciplinares nacionais de longo alcance, que induza projetos em rede, interligando pesquisadores e centros de investigação

nacionais e internacionais”, complementa Audy.

Reuniões preparatórias para a Conferência são realizadas desde 2023, sob a responsabilidade do Conselho Nacional das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa (Confap) e do Conselho Nacional de Secretários para Assuntos de Ciência Tecnologia e Inovação (Consecti). Jorge Audy, da PUCRS, coordena as reuniões que debatem a temática do Ecossistema de Inovação no contexto da 5ª CNCTI, juntamente com USP (Universidade de São Paulo), CAPES (MEC), ANPROTEC e MCTI (Secretaria de Inovação).



“A CONFERÊNCIA TERÁ UM PAPEL FUNDAMENTAL NA DEFINIÇÃO DAS ESTRATÉGIAS QUE SERÃO ADOTADAS NESTES SEGMENTOS NOS PRÓXIMOS DEZ ANOS.”

Jorge Audy, superintendente de inovação da PUCRS e do Tecnopuc

STARTUPS DO TECNOPUC ENTRE AS MAIS PROMISSORAS DO PAÍS



“FICAMOS EXTREMAMENTE FELIZES E HONRADOS POR ESTARMOS AO LADO DE NOMES RENOMADOS NA CATEGORIA DA INDÚSTRIA. ISSO NOS MOTIVA AINDA MAIS.”

Ailton Pereira,
CEO e founder da AIPER

Três startups do Tecnopuc foram contempladas na lista das 100 Startups to Watch 2023, ranking elaborado pela revista *Pequenas Empresas & Grandes Negócios* em parceria com as consultorias Elogroup e Innovc. São elas: AIPER, que atua na indústria de cor por meio da biotecnologia; Eduqhub, que desenvolve metodologia para crianças com base em softskills e habilidades empreendedoras; e Agenda Edu, especializada em soluções para simplificar a jornada educacional. A indicação das startups, que concorreram com mais de 2 mil empresas, reforça o conceito do Tecnopuc Anywhere. A iniciativa tem o propósito de modernizar e expandir a atuação do Parque com a atração de novos investimentos para gerar oportunidades de emprego e renda por meio de negócios inovadores, alinhados aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU).

AIPER | Atua na indústria de cor por meio de biotecnologia. Produz biopigmentos usando processos fermentativos e resíduos agroindustriais.

Eduqhub | Plataforma com foco no desenvolvimento de softskills e habilidades empreendedoras para crianças, por meio de experiências reais.

Agenda Edu | Aplicativo que já impactou mais de 2 milhões de pessoas. Simplifica a jornada escolar ao otimizar o relacionamento entre as famílias e as escolas.

INOVAÇÃO INTEGRADA DESDE A BASE

O Tecnopuc Business – novo espaço da Escola de Negócios da PUCRS em parceria com o Tecnopuc – busca mobilizar, de forma colaborativa, atores da sociedade para a criação de um modelo de educação em negócios integrado aos ecossistemas de inovação. A ideia é transformar o conhecimento gerado na PUCRS em desenvolvimento econômico e social. Como? Por meio de uma formação imersiva e inédita, que conecta a esco-

la ao ecossistema de inovação desde o início da jornada acadêmica. A iniciativa inclui a criação de dois novos hubs (FINE, focado em soluções financeiras, e Omni-X, direcionado a omnicanalidade e experiência do consumidor), além de um polo de inovação em fintech. Abrange ainda programas educacionais e iniciativas de treinamento, bem como uma estratégia robusta de marketing para a promoção de palestras e eventos.



PROJETO DO IDEAR CONQUISTA PRÊMIO TOP EDUCACIONAL

A “Trilha da Descoberta do Propósito”, iniciativa do IDEAR (Laboratório Interdisciplinar de Empreendedorismo e Inovação da PUCRS), venceu a 25ª edição do Prêmio Top Educacional Professor Mário Palmério. O reconhecimento da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES) é destinado a ideias e ações inovadoras nas áreas de empreendedorismo e sustentabilidade. O projeto vencedor (desenvolvido em parceria com a Coordenadoria de Disciplinas Online da Graduação Presencial) promove uma expe-

riência educativa online, interativa e inovadora para auxiliar no desenvolvimento do autoconhecimento e do senso empreendedor. Conforme Ana Cecília Bisso Nunes, coordenadora do IDEAR, cerca de 1 mil pessoas se inscreveram no projeto desde sua criação, em 2022. “Nossa missão está na ampliação e na transversalização da educação empreendedora para abordar desafios globais e formar líderes de impacto, fazendo isso também através de abordagens leves, lúdicas e que promovam autoconhecimento”, explica.



“O RECONHECIMENTO É UMA VALIDAÇÃO DO NOSSO COMPROMISSO EM FORMAR PROFISSIONAIS QUE BUSCAM IMPACTO SOCIAL E ECONÔMICO.”

Ana Cecília Bisso Nunes, coordenadora do Laboratório Interdisciplinar de Empreendedorismo e Inovação da PUCRS (IDEAR) e professora da Escola de Comunicação, Artes e Design (Famecos)

PUCRS STORE LANÇA E-COMMERCE

Tem novidade para quem acompanha a Universidade de maneira online, ou para os/as Alumni espalhados pelo Brasil: agora, a PUCRS Store conta com uma loja virtual! O novo e-commerce oferece diversos artigos exclusivos da PUCRS. Confira!

Accesse a PUCRS Store pelo QR Code.



NOVO SERVIÇO DE CONSULTORIA

Toda a expertise de inovação, criatividade e educação da Universidade agora está à disposição de organizações públicas e privadas através da PUCRS Consulting. Lançado em 2023, o serviço de consultoria pode atuar em diferentes áreas do conhecimento, como economia, tecnologia e ESG. A PUCRS Consulting está no 8º andar do prédio 50 – Escola de Negócios. Mais informações em: consulting@pucrs.br.

O LADO DE DENTRO DA TRANSCENDÊNCIA



COM AUXÍLIO DA
TECNOLOGIA, A MEDICINA
COMEÇA A PROMOVER UMA
REAPROXIMAÇÃO ENTRE
CIÊNCIA E ESPIRITUALIDADE. E
JÁ DESCOBRIU QUE PRÁTICAS
COMO ORAR E MEDITAR
PODEM BLINDAR O CÉREBRO
CONTRA DIVERSAS DOENÇAS

—
Emanuel NEVES

Uma freira se posta em genuflexão à frente do altar da Igreja Universitária Cristo Mestre, na PUCRS. Ela une as mãos, cerca os olhos e se entrega a uma compenetrada oração. As lágrimas vertem fartas, enquanto uma sensação de leveza toma o seu ser. Longe dali, um monge senta-se em lótus sobre uma rocha milenar dos Himalaias. A boca murmura um mantra, e os dedos correm o japamala – o cordão de contas dos iogues. O frio e o mundo à sua volta, os pensamentos e seu próprio corpo, tudo parece se dissipar no vácuo do ar gelado em suas narinas.

A freira e o monge são movidos por crenças pessoais distintas. Mas o cérebro de ambos experimenta sensações quase idênticas, advindas da introspecção mística. Você também pode vivenciá-las, mesmo se não der bola para temas transcendentes. Basta fechar os olhos e concentrar-se na sua respiração. Uma ebulição química logo será desencadeada. O cortisol, hormônio do estresse, cairá rapidamente. Em contrapartida, haverá uma torrente de serotonina, dopamina e ocitocina – presentes em estados de felicidade, prazer e afetuosidade.

Outra mudança ocorre no recrutamento das áreas cerebrais. O lobo parietal, responsável pelas percepções físicas, é quase desativado. Daí vem a sensação de torpor e a perda da noção de espaço-tempo. O cérebro também possui um piloto automático, acionado quando estamos ruminando ideias. Chamado de rede padrão, esse sistema se desarma durante orações e em estados meditativos. Assim, o fluxo de pensamentos é freado, viabilizando o esvaziamento da mente e o terreno para o êxtase místico. “Algumas pessoas conseguem alcançar uma abstração mais profunda e entram quase em estágio de flutuação”, confirma o neurocientista Jaderson

Costa da Costa, diretor do Instituto do Cérebro (InsCer) e médico docente da PUCRS.

A cizânia entre ciência e espiritualidade começa a ser dirimida pelo trabalho de pessoas como ele – há 10 anos dedicado ao tema. Mas essa reaproximação tem mais tempo: o primeiro artigo médico sobre a importância de práticas religiosas para a saúde data de 1910. Os grandes avanços é que vieram nas últimas décadas, levando ao surgimento da chamada neuroteologia.

ALÉM DO PLACEBO

Na atualidade, a exploração empírica se dá por meio de técnicas como o ultrassom. Um dos estudos basilares foi realizado pela Universidade da Pensilvânia (EUA), em 2001. Oito monges tibetanos foram submetidos a tomografias enquanto meditavam. Em 2003, o mesmo ocorreu com freiras franciscanas em oração. As áreas de ativação cerebral foram iguais nos dois grupos. Isso permitiu o entendimento de que a experiência espiritual, embora subjetiva, tem seus traços comuns. Outro aspecto compartilhado é o benefício trazido aos praticantes.

O Women's Health Initiative, organizado pelo National Institutes of Health (EUA), avaliou 43 mil mulheres em menopausa. As participantes que mantinham atividades espirituais apresentaram menores índices de AVC, câncer e suicídio. Já um levantamento da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) analisou 130 pessoas e encontrou uma relação direta entre práticas espirituais e a queda dos níveis de ansiedade e depressão.

A explicação está no banho de neurotransmissores benéficos e em reconfigurações da estrutura do cérebro. Um estudo da Universidade de Columbia (EUA), por exemplo, constatou mudanças na espessura do córtex. Análises anteriores indicaram que pessoas propensas à

RESPIROS PARA A ALMA

Os alunos da PUCRS podem exercer a introspecção de diversas formas. Uma delas é pelo Projeto de Meditação. O programa, coordenado pelo Centro de Pastoral e Solidariedade, oferece sessões diárias. As atividades envolvem diferentes linhas de conhecimento – como meditação cristã, zenbudismo e mindfulness. “A universidade é o lugar da pluralidade. Conjuguar essas tradições é um exemplo de como as coisas podem caminhar juntas”, explica João Fett, coordenador da Pastoral. Guiadas por especialistas, as aulas gratuitas acontecem na sala de meditação (Prédio 15), no Tecnopuc (Prédio 96C), na Igreja Cristo Mestre (aberta de segunda a sexta, das 7h às 22h) e nos jardins do Campus.

 Mais informações pelo WhatsApp (51) 98335-0187.



“HÁ FUNÇÕES QUE SÃO ABSORVIDAS, A EXEMPLO DA MATEMÁTICA. JÁ OUTRAS SÃO INTRÍNSECAS, COMO A LINGUAGEM. A ESPIRITUALIDADE PERTENCE A ESSE SEGUNDO TIPO. SOMOS SERES ESPIRITUAIS POR NATUREZA.”

Jaderson Costa da Costa, diretor do Instituto do Cérebro (InsCer) e médico docente da PUCRS

depressão têm essa camada externa mais fina. Nota-se o oposto em quem se dedica a orar e meditar. Possuir um córtex robusto, entretanto, não indica que você será uma pessoa de fé. A relação de causa e efeito parece ser inversa. Ou seja, essas atividades tendem a promover a neuroplasticidade – a capacidade de o cérebro se modificar a partir de estímulos. Então a espiritualidade seria um marcador evolutivo da humanidade? Um estudo de Harvard (EUA) vai nesse sentido.

PROPENSÃO NATURAL

As sinapses são os impulsos elétricos que interligam os neurônios, criando rotas de informação. Cientistas da Faculdade de Medicina de Harvard descobriram que os circuitos da fé se alocam na Substância Cinzenta Central (PAG, na sigla em inglês) – uma região ligada a sensações como medo e resiliência a dor. A PAG é uma área extremamente primitiva do cérebro. Assim, é possível inferir que a experiência espiritual é inata à nossa espécie. “Há funções que são absorvidas, a exemplo da matemática. Já outras são intrínsecas, como a linguagem. A espiritualidade pertence ao segundo tipo. Somos seres espirituais por natureza”, explica Costa. O neurocientista ressalta que esse fator independe de uma crença vertical em algo supremo. Isso porque também há uma dimensão horizontal

da espiritualidade, expressa por meio da empatia com o próximo.

Em casos assim, os estímulos cerebrais são um pouco distintos. Mas os benefícios se parecem. “Quando acolhemos o sofrimento de alguém, o cérebro recruta áreas de prazer e satisfação semelhantes às estimuladas por certas drogas. A diferença, claro, é que esses atos são construtivos e nos dignificam”, compara Costa. Essa é a origem da sensação de recompensa vivenciada por quem se entrega a causas humanitárias. E também explica, em parte, por que a atenção aos efeitos da espiritualidade está entre as vanguardas da ciência.

A PUCRS, por exemplo, tem uma disciplina sobre o tema desde 2020. Foi introduzida no curso de Medicina a pedido dos próprios alunos. Antes disso, em 2018, discentes de Medicina, Teologia, Psicologia e Filosofia haviam criado a Liga Acadêmica de Espiritualidade e Ciência (Liase). O núcleo fomenta a investigação acadêmica sobre espiritualidade, religiosidade e saúde – por meio de estudos e eventos. Para Jaderson da Costa, essas ações consolidam uma nova cultura da espiritualidade no ambiente científico – um fenômeno acelerado pela pandemia e o surgimento das novas tecnologias. “Em tempos de inteligência artificial e robotização, entender a essência humana é cada vez mais importante.” ■



A apresentadora e advogada Gabriela Prioli esteve no Campus para mais uma gravação da PUCRS Online. Dessa vez, ela protagoniza uma campanha de comunicação que explora o pioneirismo da Universidade em seu modelo de educação online criado em parceria com o UOL EdTech. A produção audiovisual explora o portfólio de pós-graduação 100% digital – que hoje tem alunos de todo o País e no exterior. O filme já está em circulação nas redes.



Conheça os cursos da PUCRS Online e escolha o que melhor combina com a sua carreira.



O LEGADO DA PUCRS

CELEBRAÇÃO DOS 75 ANOS DA UNIVERSIDADE INCLUIU LANÇAMENTO DE LIVRO E RENDEU HOMENAGENS TANTO NA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA QUANTO CÂMARA DE VEREADORES

Daniel SANES



“O domínio do futuro nunca será perfeito devido à existência do tempo. Não se trata, portanto, de dominar o futuro, mas torná-lo plausível a partir da realidade que temos e dos projetos que sonhamos.” A reflexão é do reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Ir. Evilázio Teixeira, e abre *PUCRS 75 anos - Ousemos o Novo Futuro Juntos*. Lançado em 9 de novembro de 2023, para celebrar o aniversário da Instituição, o livro relembra desafios, conquistas e marcos históricos da PUCRS, além de reforçar os esforços para investir em um futuro melhor por meio da educação.

A obra tem textos do professor Luiz Antonio de Assis Brasil (“Memória poética”) e do jornalista Túlio Milman (abertura dos capítulos). A edição é de Leonid Streliaev, fotógrafo e editor de livros de arte. Foram cinco anos de pesquisa até

a publicação, planejada para marcar a efeméride.

A cultura e o espírito de inovação da PUCRS estão presentes nas 192 páginas do trabalho, ricamente ilustrado e repleto de depoimentos de pessoas que protagonizaram a história da Instituição. Força-motriz da Universidade, a equipe de colaboradores é retratada de forma sensível, em imagens que apresentam os profissionais em seus espaços de atuação. “Uma instituição como a PUCRS tem nas pessoas sua centralidade: elas são as guardiãs da tradição e agentes vivos e dinâmicos da cultura institucional”, pontua o reitor.

O lançamento ocorreu durante um jantar que reuniu mais de 300 convidados – todos presenteados com o livro. A cerimônia contou com a presença de membros da comunidade universitária e de diversas autoridades, como o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, e do prefeito de Porto Alegre, Sebastião Melo. Para Leite, a

Fotos: Giordano Toldo/PUCRS



Confira o livro *PUCRS 75 anos - Ousemos o Novo Futuro Juntos* pelo QR Code

PUCRS tem sido “uma fonte inesgotável de conhecimento e desenvolvimento”. “Durante esses 75 anos, a Universidade se destacou como uma referência do ensino superior, formando gerações de profissionais de alta qualidade, muitos deles atuando hoje no governo também para enfrentar os desafios do mundo real”, disse o governador.

HOMENAGENS NA CÂMARA...

Os 75 anos da PUCRS foram motivo de homenagem durante uma sessão solene na Câmara Municipal de Porto Alegre, realizada em novembro. A iniciativa partiu da vereadora Mônica Leal (PP). “Sinto como mais uma missão cumprida na minha caminhada de vereadora: registrar o papel e a relevância de uma das mais importantes e tradicionais universidades brasileiras. A melhor universidade privada do País e uma das melhores da América Latina”, afirmou.

Em nome da comunidade universitária, o Ir. Evilázio Teixeira agradeceu a honraria. “A cada novo prédio que se levanta no Campus, busca-se atender às novas necessidades de ensino, pesquisa e extensão de novos negócios”, disse o reitor. “A cada novo ambiente, multiplicam-se as possibilidades, conexões, histórias e oportunidades de sermos cada vez mais uma instituição global, múltipla e plural.”

...E NA ASSEMBLEIA

O aniversário da PUCRS também foi lembrado na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, em 14 de dezembro. Proponente da homenagem, o deputado Rodrigo Lorenzoni (PL) falou sobre o papel da Universidade na formação de profissionais dos mais diversos campos do saber. “São 75 anos de história, sempre mantendo o pioneirismo e a inovação, desde o surgimento no Colégio Rosário, passando pela criação do Campus na Avenida Ipiranga nos anos 1960, até a criação da PUCRS Online, sem fronteiras geográficas”, lembrou o deputado.

Representando a Universidade, o vice-reitor, Ir. Manuir Mentges, enalteceu o papel de todos que passaram pela Instituição. “Essa homenagem também reconhece as pessoas que atuaram e que atuam para fazer com que todo esse ecossistema contribua realmente com o desenvolvimento da sociedade em todas as suas dimensões”, disse.

ATENÇÃO À CRISE CLIMÁTICA

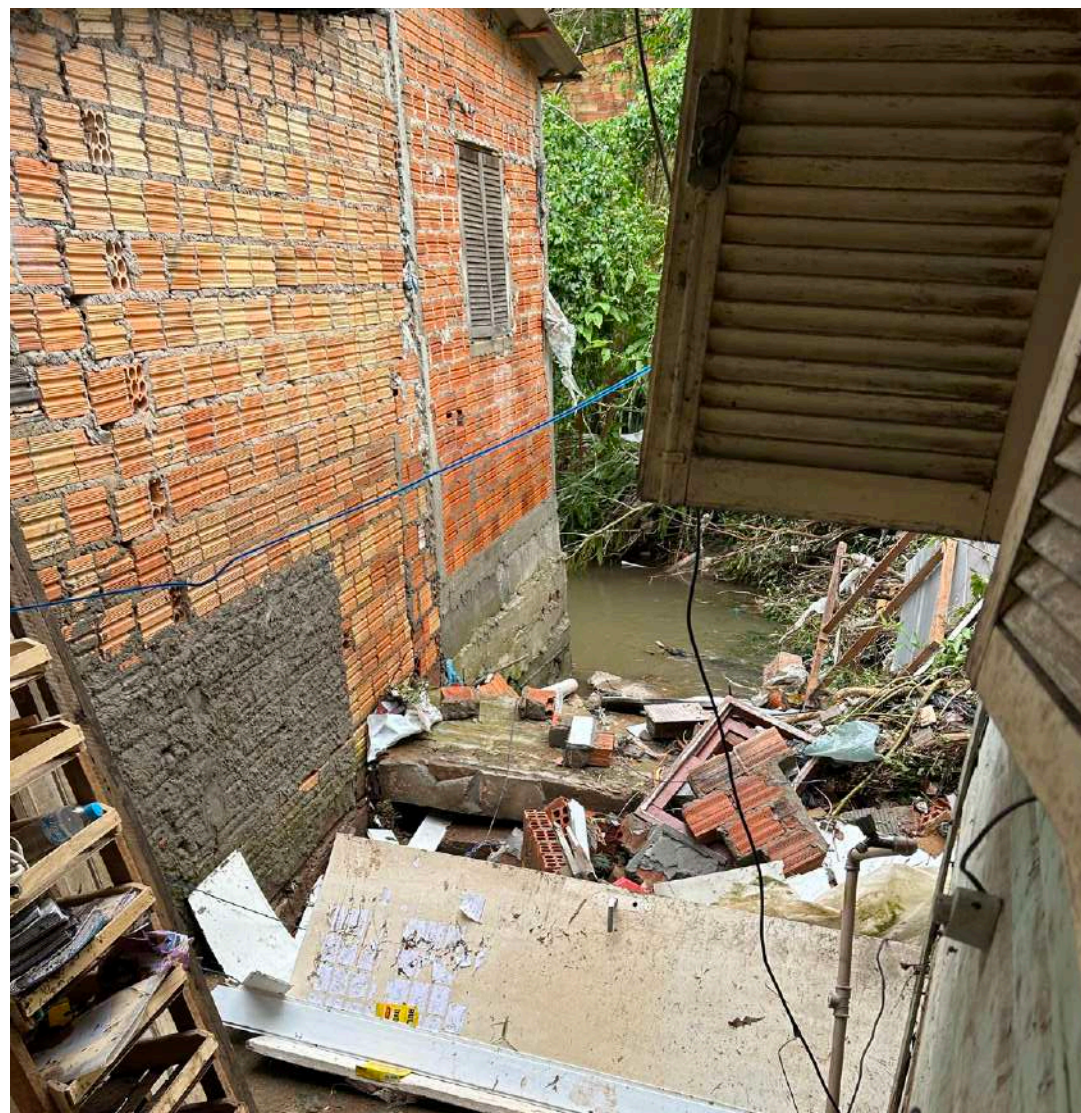


UNIVERSIDADE FAZ SUA PARTE
E INVESTE EM DIFERENTES
PROJETOS PARA INFORMAR,
ALERTAR E CONSCIENTIZAR
A COMUNIDADE ACADÊMICA
SOBRE OS EFEITOS TRÁGICOS
DA MUDANÇA NO CLIMA

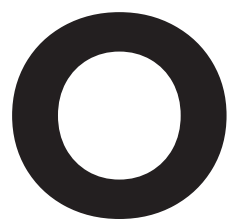
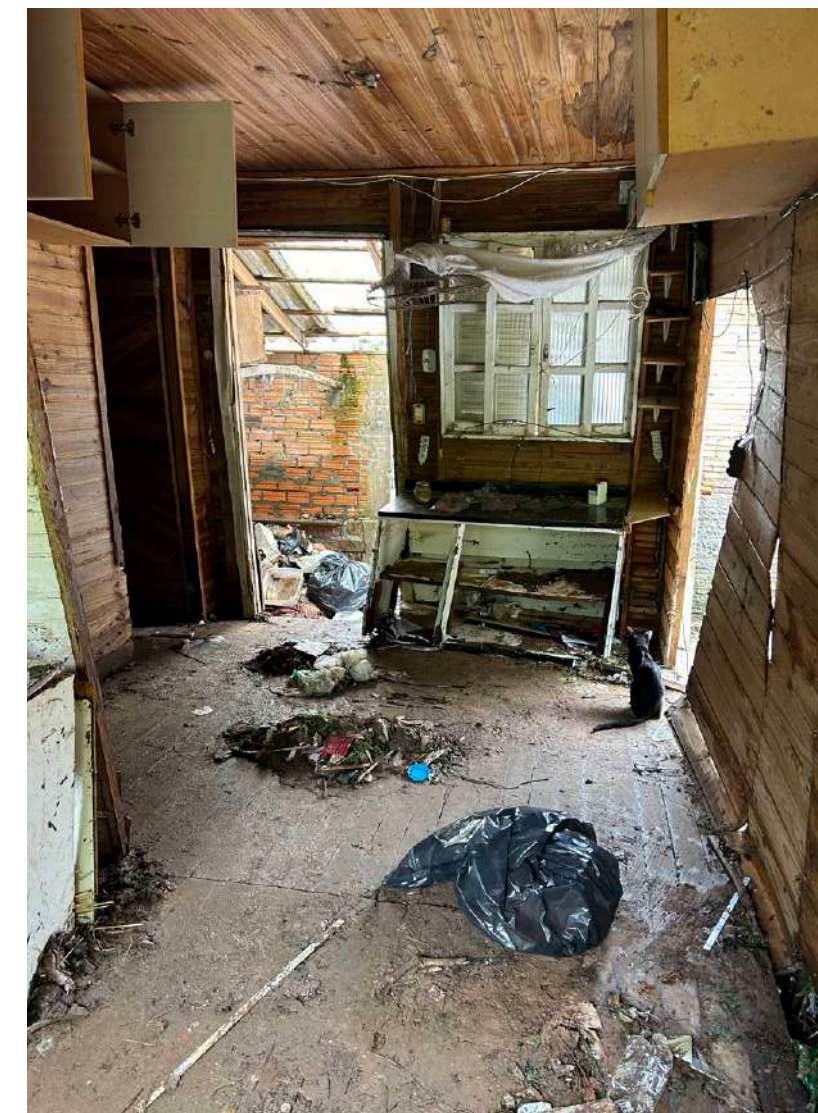
Leonardo PUJOL

Fotos: Cierdano Toldo/Elisa Collar.

CASA ÀS MARGENS DO ARROIO PASSO FUNDO, ZONA SUL DE PORTO ALEGRE: TEMPORAL ELEVOU NÍVEL DO CÓRREGO E DESTRUÍU LOCAL ONDE ELISA E A FAMÍLIA VIVIAM HÁ 12 ANOS.



Fotos: Elisa Collar/Arquivo pessoal.



Os relâmpagos iluminavam o céu de Porto Alegre há mais de uma hora. O clarão dos raios, somado ao estrondo dos trovões e ao farfalar das árvores, que balançavam sem parar em razão das rajadas de vento, não deixavam dúvidas de que uma tempestade se aproximava – o que inquietava a estu-

dante de Pedagogia Elisa Collar, 41 anos. A casa de madeira onde ela vive com o marido e os filhos, no bairro Nonoai, na zona sul, fica às margens do arroio Passo Fundo, um dos 27 existentes na capital gaúcha. Nos últimos 12 anos, Elisa testemunhou o córrego transbordar inúmeras vezes. Quando isso acontece, a água invade seu pátio. Se o volume de chuva é muito grande, o nível do arroio sobe e alcança a casa, geralmente na altura do tornozelo. Naquela noite, Elisa tinha a sensação de que veria o mesmo filme outra vez.

Acontece que o temporal da-

quela terça-feira, 16 de janeiro de 2024, foi atípico. Granizo, descargas elétricas e ventos de 100 km/h atingiram a cidade, quebrando janelas, destelhando casas, alagando ruas e derrubando centenas de postes, galhos e árvores. A energia elétrica foi interrompida em diversas áreas, os semáforos desligaram e o sinal de internet e celular oscilou. Meia hora depois do começo da chuva, às 22h, Elisa e sua família estavam sem luz. Pela janela, observaram a água invadir o pátio. Rapidamente, o nível do riacho subiu, alcançou a casa e atingiu uma altura jamais vista – a água batia

na cintura. A cama do casal, onde todos haviam subido para se refugiar, parecia boiar. Roupas, livros e utensílios domésticos também. A força da água arrastou fogão, geladeira, mesa. Tirou tudo do lugar. As paredes começaram a pender e estalar. Então o banheiro de alvenaria, ponto da casa mais próximo do córrego, desabou. Todos saíram desesperados em busca de abrigo.

A chuva deu trégua instantes depois e, tão rápido quanto havia subido, a água baixou. A casa permaneceu em pé, mas inabitável. Familiares, amigos e vizinhos passaram aquela madrugada retiran-

do dos destroços o pouco que havia resistido à enxurrada. Nos dias que seguiram, a família contou com a solidariedade de muitas pessoas em termos de moradia, higiene e alimentação.

Exatamente um mês depois, Elisa e a família estavam de casa nova. Trocaram a casa às margens do arroio por um sobrado num condomínio no bairro Vila Nova. O plano já era esse antes da tempestade – a família não aguentava mais ficar à mercê da natureza, e há muitos meses buscava uma alternativa. A tragédia só acelerou o processo. “Meus filhos nunca mais

vão sofrer com nenhuma enchente”, diz Elisa.

Tempestades assim despertam cada vez mais preocupação e interesse em relação à crise climática. Afinal, o planeta está aquecendo – 2023 foi o ano mais quente da Terra em mais de 170 anos. De acordo com cientistas, quanto mais alta for a sua temperatura média, maior é o risco de eventos climáticos extremos – que estão mais frequentes e intensos. No Rio Grande do Sul, a temperatura média aumentou pouco mais de 1°C nas últimas quatro décadas, enquanto a costa marítima gaúcha



Foto: PUCRS/Arquivo

“OS INVESTIMENTOS PRIVADOS FEITOS NO IPR MOSTRAM QUE A PUCRS PARTICIPA ATIVAMENTE DA BUSCA MUNDIAL POR SOLUÇÕES EM UM TEMA TÃO RELEVANTE QUANTO A MUDANÇA CLIMÁTICA.”

Carlos Eduardo Lobo e Silva, pró-reitor de pesquisa e pós-graduação da PUCRS

tem pontos com temperaturas até 4°C acima do esperado. Tamaña elevação pode intensificar a incidência de temporais e precipitações, entre outros eventos.

TECNOLOGIA PARA COMBATER A CRISE

Para ajudar as pessoas a compreenderem os efeitos da crise climática, o Museu de Ciências e Tecnologia (MCT) da PUCRS exibe desde 2022 a exposição *Mudanças Climáticas e Tecnologia*. A mostra é uma parceria entre o museu e o Instituto do Petróleo e Recursos Naturais (IPR) da PUCRS, com financiamento da Global CCS Institute e da Carbon Sequestration Leadership Forum.

A exposição inclui 14 experiências lúdicas e interativas. A área de efeito estufa, por exemplo, é composta por uma cabine fechada, onde a temperatura ambiente é 4°C maior que a temperatura externa. Esses quatro graus de diferença permitem que o visitante sinta na pele como será a tempe-

ratura média na Terra ao final do século 21, caso o mundo não consiga mitigar a emissão dos gases que deixam o planeta mais quente. No Brasil, o metano que sai da boca dos animais ruminantes (leia-se: pecuária) e o dióxido de carbono que advém da queima de energia de combustíveis fósseis (transporte e indústrias, por exemplo) estão entre as principais fontes de emissão de gases com efeito estufa.

A exposição alerta para o perigo das catástrofes ambientais e da interferência humana no planeta, mas também oferece esperança. “O visitante descobre que a tecnologia é uma grande aliada para diminuir e mitigar a emissão de gás carbônico da atmosfera”, explica Lucas Sgorla, curador do MCT. Na área de energia renovável, é possível entender o processo de substituição de matrizes poluentes – como carvão, gás e derivados do petróleo – por fontes limpas, a exemplo das energias solar e eólica. Outro projeto que chama atenção é o de captura e armazenamento de carbono.

REMOVENDO CO2 DA ATMOSFERA

Há muito se debate a eliminação gradual dos combustíveis fósseis, ou, ao menos, a redução de seu uso. Uma discussão mais recente propõe um caminho alternativo: em vez de deixar de existir, a queima de carvão, gás e petróleo continuaria, desde que o dióxido de carbono (CO2) resultante fosse capturado diretamente do ar. Após a captura, o CO2 seria pressurizado até o estado líquido e transportado através de um gasoduto para um reservatório – ou injetado no subsolo.

O MCT exibe o conceito básico da tecnologia ao visitante, mas o Instituto do Petróleo e dos Recursos Naturais da PUCRS foi além.



MUSEU DA PUCRS: EXPOSIÇÃO É COMPOSTA POR 14 EXPERIÊNCIAS LÚDICAS E INTERATIVAS SOBRE AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS.

Em parceria com a empresa de exploração e produção de petróleo e gás natural Repsol Sinopec e da startup alemã DACMa, inaugurou em 2023 o próprio sistema de captura de gás carbônico. Trata-se de um conjunto de reatores com capacidade de remover 5 mil toneladas de CO2 por ano da atmosfera. Batizado de DAC.SI, o projeto também estuda o potencial de armazenamento do gás carbônico em rochas na forma de carbonato de cálcio, para evitar que volte para a atmosfera.

O DAC.SI está previsto para durar três anos e conta com um investimento inicial de US\$ 10 milhões. “Hoje, os processos de captura e armazenamento de CO2 ainda são caros, por isso pre-

cisamos avançar na tecnologia, baratear os processos e, assim, ganhar escala para gerar impacto real”, diz Carlos Eduardo Lobo e Silva, pró-reitor de pesquisa e pós-graduação da PUCRS. “Estes investimentos privados feitos no IPR mostram que a PUCRS participa ativamente da busca mundial por soluções em um tema tão relevante quanto a mudança climática.”

Plantar árvores e proteger florestas são outras maneiras de fomentar a captura de carbono. Um exemplo disso é o que acontece no Centro de Pesquisas e Conservação da Natureza Pró-mata, área de conservação ambiental da PUCRS localizada em São Francisco de Paula, na serra

Foto: Jonathan Heckler

ALERTA ITINERANTE

A exposição *Mudanças Climáticas e Tecnologia* também conta com uma versão no Programa Museu Itinerante (Promusit) do MCT. Em 2023, o Promusit percorreu 10.600 km, realizando exposições em mais de 25 cidades, inclusive fora do RS, como Campinas (SP) e Cascavel (PR). O público visitante do Promusit está próximo de alcançar a marca histórica de 100 mil pessoas. Em 2024, o museu itinerante estará em localidades como Pelotas, Panambi e Lajeado.



Para acompanhar a agenda do Promusit, siga o Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS no Instagram: @mctpucrs

Descarte seletivo uma atitude coletiva

O fluxo do descarte de resíduos da PUCRS



GESTÃO AMBIENTAL EM AÇÃO

A PUCRS conta agora com um Comitê de Gestão Ambiental (CGA). O grupo já existia dentro do Instituto do Meio Ambiente (IMA), mas foi transferido para a Pró-Reitoria de Administração e Finanças (Proaf), ampliando o escopo de atuação. Uma comissão foi criada para coordenar as ações do CGA, sob a liderança de Nelson Ferreira Fontoura, diretor do IMA. A cada dois meses, a comissão se reúne para deliberar sobre diversas ações. “A tarefa mais importante de 2023 foi a organização de um documento oficial de gestão ambiental da PUCRS, composto por metas de melhoria e de ações de sustentabilidade indicadas pelas próprias reitorias”, conta Fontoura. As metas serão revisadas e repactuadas anualmente. “Nosso objetivo é trabalhar como um catalisador, um indutor de ações que melhorem a gestão ambiental nas áreas da PUCRS.”

gaúcha (imagem que abre esta reportagem). Formado por uma área de 2.362 hectares, além de outros 700 hectares que estão em litígio na Justiça, o Pró-mata é uma reserva particular destinada ao estudo de diversos ecossistemas. De acordo com o professor Nelson Ferreira Fontoura, diretor do Instituto do Meio Ambiente (IMA) da PUCRS e responsável pelo Pró-mata, estima-se que a reserva absorva 14,5 toneladas de carbono por dia. “É uma contribuição bem importante para mitigação de efeito estufa”, afirma. A ideia é ampliar a captura de CO2 na região. “Estamos negociando um aporte financeiro que vai resultar em um novo viveiro de araucária, uma árvore longa e capaz de acumular bastante biomassa.”

COLETA DE RESÍDUOS

Dias antes de o arroio Passo Fundo transbordar e levar parte da casa de Elisa Collar, os vizinhos reclamaram de alguém que teria descartado entulho e lixo no canal. A ação teria obstruído ainda mais o curso da água, e supostamente contribuído para a elevação acima da média do córrego em dias de tempestade.

Eis aqui outro ponto: além das mudanças climáticas e da ocupação de áreas de risco, a poluição e o descarte irregular de resíduos nas margens de rios e arroios é determinante para enchentes. A urbanização e o aumento da produção de resíduos têm intensificado a pressão sobre os sistemas de gestão existentes, gerando uma série de complexidades ambientais, so-

ciais e econômicas. Por isso, é tão urgente que os municípios abordem questões relacionadas a coleta, transporte, tratamento e destinação dos resíduos sólidos de maneira estratégica e sustentável. “Quanto mais se adia a transição, maior é o risco de danos ambientais irreversíveis”, afirma Caroline Luckow, coordenadora de Sustentabilidade Ambiental e Bem-Estar das Pessoas na PUCRS.

Desde 2018, a central de resíduos da PUCRS desempenha um papel crucial na gestão dos materiais descartados pela Universidade (veja como funciona no gráfico acima). O resíduo mais gerado é proveniente das podas, seguido do rejeito orgânico – com um total de 565 toneladas. Para efeitos de comparação, a

quantidade dos dois resíduos somados é igual a todo lixo descartado incorretamente nos rios de Estância Velha, na região metropolitana – cidade que tem apenas 5% da população de Porto Alegre. Caroline também menciona o Projeto Resíduo Zero da PUCRS, que, além do manejo eficiente dos resíduos, estimula a redução do desperdício, a reutilização de materiais e a reciclagem consciente. “Nosso método é visual e manual. São práticas sustentáveis e transparentes, que podem inspirar a comunidade a adotar comportamentos similares”, conta a coordenadora. Ações como essa não apenas alertam e conscientizam os que frequentam a Universidade. Elas contribuem diretamente para um mundo melhor. ■

CINCO DÉCADAS DEPOIS: CACO E SEU “DIPLOMA”

Cláudio Barcellos de Barcellos – ou melhor, **Caco Barcellos** –, é um dos repórteres mais respeitados do Brasil. Nas últimas décadas, destacou-se por comandar trabalhos de excelência envolvendo jornalismo investigativo. Dois temas recorrentes em sua obra são a violência e a injustiça social, pautas muitas vezes abordadas no programa *Profissão Repórter*, da TV Globo. É, também, autor dos best-sellers *Rota 66 – A história da polícia que mata* e *Abusado – o dono do morro Dona Marta*.

Natural de Porto Alegre, onde nasceu em 1950, Caco formou-se em Jornalismo na PUCRS em 1975. Para custear a faculdade, trabalhou como taxista. Desde então, retornou à Universidade diversas vezes. A mais recente aconteceu em julho de 2023, durante a segunda edição do Prêmio Alumni PUCRS – criado com o objetivo de reforçar a conexão e o compromisso da Instituição com o público egresso. Além disso, o mérito valoriza iniciativas que tenham impacto e contribuam com a construção de uma sociedade mais humana, justa e responsável. Nada mais natural, portanto, do que reconhecer alguém com a trajetória do jornalista.

No evento de premiação, Caco homenageou a própria mãe, Antoninha Barcellos. Na ocasião, ele revelou que, na semana da formatura, quase cinco décadas atrás, precisou viajar por conta de um compromisso profissional e não conseguiu receber o diploma. Mas



“ELE DEMOROU, MAS VOLTOU COMO PROMETEU.”

Dona Antoninha, mãe do jornalista Caco Barcellos, sobre a entrega do Prêmio Alumni PUCRS ao filho, Caco Barcellos – formado na PUCRS

prometeu a ela que um dia voltaria à Universidade justamente com essa finalidade. “Tanto minha mãe quanto meu pai não tiveram oportunidade de ir à escola. Mesmo assim, com muita dedicação, ela me ensinou a ler e a escrever. Quando me formei, teve essa coin-

cidência triste na época [*de viajar a trabalho*]. E eu disse para ela: ‘Um dia, eu volto com o diploma’. Ela duvidou, mas hoje esse prêmio representa o diploma para mim. Estou muito honrado”, disse. Emocionada, Dona Antoninha elogiou o filho: “Ele demorou, mas voltou como prometeu”. A verdade é que nem precisava. “No meu coração, ele já estava diplomado”, acrescentou a mãe.

Caco Barcellos recebeu o Prêmio Alumni PUCRS 2023 na categoria Comunicação. Entre outras pessoas reconhecidas, a jornalista Eliane Brum, gaúcha de Ijuí, conquistou o prêmio na categoria Arte e Cultura. ■

Foto: Igor Bandeira

Na *Biblioteca Central Irmão José Otão*, você pode ler estes e outros livros com histórias que se passam em Porto Alegre...



... e ainda pode visitar o **Delfos: Espaço de Documentação e Memória Cultural**, onde se encontram os acervos dos escritores Dyonelio Machado, Moacyr Scliar e Luiz Antonio de Assis Brasil.



acompanhe a programação da Biblioteca da PUCRS em:
@bibliotecapucrs
biblioteca.pucrs.br

acompanhe a programação cultural da PUCRS em:
@pucrsultura
pucrs.br/cultura

Mais que uma universidade,
somos um **ecossistema completo de
serviços sob medida** para impulsionar
negócios e organizações.

Soluções Corporativas PUCRS

Saber fazer muda tudo.

- Consultoria e inteligência estratégica
- Desenvolvimento de talentos
- Serviços especializados e laboratórios
- Inovação corporativa e novos negócios
- Campus aberto
- Pesquisa e desenvolvimento

Conheça nossos serviços e operações
corporativas sob medida para empresas:
pucrs.br/corporativo



PUCRS

